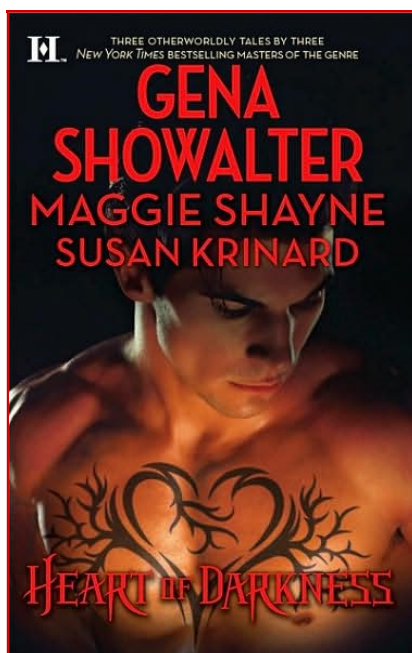




Susan Krinard  
Antologia Coração da Escuridão  
A Dama do Nilo

TIAMAT-WORLD APRESENTA:

# A Dama do Nilo



## Sinopse:

Lady Tameri acreditava ser a reencarnação de uma antiga deusa egípcia, e Leo Erskine está empenhado em provar que ela está equivocada... E nunca sonhou que os dois eram aqueles prestes a descobrir uma profecia que ligaria os dois para a eternidade.

## Secrets

Envio / Tradução: **Gisa**

Revisão Inicial: **Mary Rose**

Revisão Final: **Milo SF**

Formatação: **Táai**

**TIAMAT-WORLD**

TIAMAT - WORLD

Disp. Em Esp.: **Guardian**



By Suzana Romão

**Comentário da Revisora Mary Rose:** A história é um pequeno conto, apesar de não ter muitas cenashots, achei interessante e vale a pena ser lido.

**Comentário da Revisora Milo SF:** uma história diferente, pequena, com uma aventura um tanto diferente e interessante. =)

## Capítulo Um

Londres, 1890

— Você está completamente equivocado.

Leo Erskine ouviu a voz, soando tão clara como os sinos da Catedral de Winchester, mas não registrou a nervosa resposta do culto cavalheiro no pódio. Estava muito ocupado examinando a





Susan Krinard  
Antologia Coração da Escuridão  
A Dama do Nilo

dama que falou com tanta audácia.

Ela era adorável, é óbvio. Uma que dificilmente poderia ser uma duquesa e não ser tão encantadora. Ou poderia? O fato é que era a única duquesa viúva tão jovem de idade que dificilmente poderia ser considerada.

Ele advertiu os outros rostos que se voltaram para ela, alguns excêntricos, outros admoestando, e uns poucos – pertencendo a aqueles cavalheiros com mentes bastante liberais para apreciar a inteligência em uma mulher, ou simplesmente ocupados com sua beleza – abertamente admirável.

A dama terminou seu breve argumento com o distinto erudito Egípcio, olhando-lhe por debaixo do nariz – uma façanha impressionante, considerando sua posição sob o assoalho – varrendo toda a sala de leitura. Sua saia, coberta com linho vincado e rodeada com uma faixa de ouro no estilo antigo, rangendo furiosamente, e os longos brincos tilintando a cada passo longo. Se ela tivesse sido uma princesa real, não poderia ter sido mais imponente.

Leo pediu desculpas a seus companheiros atônitos e seguiu à viúva da sala. Sabia muito bem que sua fascinação com ela não era devido a sua beleza, tão notável como era. Nem era devido a sua influência na sociedade, cujos membros não estavam preparados para esquecer as elaboradas festas e elegantes bailes por uma pequena excentricidade britânica ultrapassada.

Não, não eram tais baixos motivos que o levava a observá-la tão estreitamente sempre que se encontravam. Desde o matrimônio de seu amigo o Conde de Donnington com uma das seletas amigas da viúva – Nuala, a antiga Lady Charles Parkhill – muitas vezes se lançou às pressas para obter a companhia da viúva. E começou a pensar que realmente acreditava que era uma princesa Egípcia que voltou para a vida.

Esse era o problema. Ela acreditava. Tal como seu próprio pai acreditou. E foi morto por isso.

— Boa tarde, Sr. Erskine.

Deteve-se de repente, a ponto de chocar com a mulher em questão.

Ela permaneceu diante dele, o queixo levantado, formosos olhos verdes apreciadores.

— Deseja falar comigo? — perguntou ela.

Incompreensivelmente nervoso Leo cumprimentou-a.

— Lamento havê-la incomodado, sua graça.

— Você não lamenta tal coisa. Esteve me seguindo. Tem algo a dizer?

Sua franqueza devia ter chateado à maioria dos cavalheiros ingleses. Leo tinha visto muito do mundo para levá-la a mau.

— Hoje não fez amigos no museu. — disse ele com igual ingenuidade.

Ela riu um quente e rico som que Leo sentiu caindo para a ponta dos dedos de seus pés.

— Nunca desejei a amizade de homens que são propensos a tais notórios enganos. — disse ela.

— Está tão segura de seus feitos, sua graça?

O humor desvaneceu-se de seu rosto, e aqueles notáveis olhos, ainda mais surpreendentes com a aplicação cuidadosa de Kohl, consideraram-no fixamente.

— Eu estava ali quando ocorreram os eventos em questão. — disse ela.

Eventos que tinham tido lugar três mil anos atrás.

Ilusão. Sim, essa era a fonte de sua certeza, não um deliberado desejo de atenção.

— Se for o caso, — disse — seu conhecimento certamente seria inestimável para os historiadores de todo o mundo.

Não havia zombaria em sua voz. Se a tivesse havido, teria girado sobre os calcanhares e se



Susan Krinard  
Antologia Coração da Escuridão  
A Dama do Nilo

afastado.

Mas Tameri permaneceu onde estava. Poderia ter ignorado tal comentário de qualquer outro homem. Na verdade, nunca esteve tão preocupada com Leo Erskine no passado.

Ultimamente, entretanto, esteve vendo mais ele nos eventos sociais aos quais participaram mesmo o mais exclusivo. Isto não era um desenvolvimento que ninguém que conhecesse poderia representar. Estudioso, solitário, inclusive cortês, mas geralmente reticente... Aquelas eram palavras para descrever ao segundo filho do Conde de Elston.

E atraente. Não bonito, não precisamente. Mas era alto, de músculos magros e possuía um tipo de calma autoritária que Tameri só podia lamentar realmente não senti-la.

— Você conhece seu próprio sexo e distrações, Sr. Erskine. — disse por fim — Assim a reação esperada a minha correção seria uma típica resposta, não?

— E ainda continua tentando-o.

— Não posso permitir que tal falta de informação seja disseminada.

— Possivelmente poderia haver se aproximado do assunto com mais delicadeza.

Agora ele se estava burlando dela.

— Nos velhos tempos, — disse — os homens tais como o Dr. Elgabri teriam sido postos em seu lugar.

— De que maneira você preferiria proceder sobre isso, senhora? Por decapitação, afogamento ou empalhamento?

Sua garganta se fechou e ela quase afasta o olhar. A escuridão. A terrível escuridão.

Não. Não deixaria que ele reclamasse a vitória neste assunto. Não lhe permitiria sentir as dúvidas que tinha consigo mesma.

— Nunca pensei em executar a ninguém, Sr. Erskine. — disse, lutando com o tremor em sua voz.

— Rogo-lhe desculpas, sua graça. É óbvio que não o fez.

Ela considerou que possivelmente pudesse ser sincero nas desculpas. Quase pareciam constrangidos, os luminosos olhos marrons sérios detrás dos óculos.

Mas eu vejo, pensou ela. Você não acredita em mim. Pensa igual ao resto, que sou uma fraude.

Estavam equivocados, todos eles. Por que ela recordava. Só pedaços e fragmentos, vistos através de uma pesada névoa, mas recordava. Se pudesse convencer a um só homem, um homem culto e profundamente pragmático como o Sr. Leopold Erskine...

Um homem que certamente iria considerá-la realmente louca tentaria de todos os modos e falharia.

Por que deveria me preocupar com sua boa opinião? Por que...

Alguém empurrou passando junto a eles, um juvenzinho que se desfez em desculpas e olhou fixamente Tameri por um momento muito longo. Erskine o afastou, trocando umas agradáveis palavras com o menino e voltou ao lado de Tameri. Como se poderia esperar.

— Não há necessidade de que se preocupe comigo, Sr. Erskine. Estou acostumada a tais condutas daqueles não relacionados com a Sociedade.

— É óbvio. — tomou o braço, uma rabugice que esteve muito assombrada para corrigir, e a conduziu do fluxo de pedestres a Grande Rua Russell. Quando se deteve na esquina da Rua Bloomsbury, não a liberou — Desfrutei de nossa conversa, sua graça. — disse ele — Possivelmente continuemos a discussão em outro momento.

Tameri liberou seu braço.



Susan Krinard  
Antologia Coração da Escuridão  
A Dama do Nilo

— O que sugere que se discuta? Possivelmente você ache minha maneira de viver uma fonte de entretenimento. Possivelmente tem a intenção de fazer um estudo sobre mim.

Ele ruborizou-se, uma muito sutil mudança de cor sob a surpreendente bronzeada pele e ela sabia que o havia apanhado. Outros eruditos e excêntricos possivelmente a criticassem entre eles, as mulheres podiam fofocar e gorjear, mas poucos desafiariam a enfrentá-la diretamente. Leo Erskine estava preparado para provocar o descontentamento em um dos mais ricos e, sim, influentes líderes da Sociedade por sua curiosidade científica.

Isso era por que ele aparecia em tantas funções nas quais ela esteve presente. Isso era o porquê a tinha seguido hoje.

— Não sou um pássaro exótico, Sr. Erskine, para ser catalogado e dissecado. — disse com frieza — Pode ser que esteja obrigada a viver em um mundo que não é o meu próprio, mas não concedo minhas confidências a soldados comuns.

— Soldados?

Tameri agarrou as saias, esforçando-se para manter-se em pé. O que disse? O que acaba de recordar?

A amorfa imagem voou de sua mente, e ela encontrou Erskine olhando-a com verdadeira preocupação.

Com compaixão.

Endireitou-se e o empurrou ao passar.

— Boa tarde, Sr. Erskine. — disse.

— Espere. — alcançou-a, reduzindo o passo para igualar ao dela — Ao menos me permita escoltá-la a sua carruagem.

— Isso não será necessário.

— Lady Tameri.

Ela não poderia ter dado outro passo embora tivesse desejado fazê-lo. Ele conhecia o nome que ela escolheu para si mesmo, o nome que preferia por cima do título que seu marido lhe deu. O poder desse nome em seus lábios – o nome de seu outro eu – retendo-a igual a uma rede que caça os pássaros sobre o Nilo.

— Convença-me. — disse Erskine. Tirou os óculos como se quisesse deixar deliberadamente de lado qualquer barreira que possivelmente se elevasse entre eles — Convença-me de que o que você acredita é verdade, e eu encontrarei a maneira de convencer ao mundo.

Ela se encontrou com seu olhar. Uma vez mais estava tentada a aceitar sua sinceridade, e começava a perguntar-se se o julgou muito severamente.

Como podia ser? Era tão remotamente possível que desejasse ser convencido, que seu penetrante intelecto pudesse adaptar-se para compreender os segredos dos anos?

Poderia, acreditando, ajudá-la a descobrir tudo o que tinha esquecido?

— Eu disse que não serei um objeto de estudo. — disse deliberadamente cáustica — Certamente você não tem intenção de “me ajudar” de todo coração. Deve haver algo mais que queira de mim.

Retirou-se um passo como se ela o tivesse afrontado.

— Senhora. — disse com gelada formalidade — Nem estou em necessidade de sua riqueza ou patrocínio, nem desejo me impor sobre você. Pode confiar em mim ou não fazê-lo, como você preferir. — dedicou-lhe uma rígida saudação e virou-se para sair.

— Espere!

Erskine se deteve sem voltar-se.



Susan Krinard  
Antologia Coração da Escuridão  
A Dama do Nilo

— Sua graça?

Ela lançou a precaução à fresca brisa tardia da primavera

— Vou ter uma íntima reunião de amigos no Maye House por volta das doze. Estaria encantada se unisse a nós.

— Mesmo embora não sendo um amigo íntimo?

Algo em suas palavras golpeou um acorde profundo e assustador, mas ela avançou.

— Conhece a maioria dos outros assistentes — disse — Não será um estranho.

Os ombros relaxaram, e ele se voltou outra vez.

— Então me sentiria honrado, sua graça.

Estabilizando sua mão, estendeu-a para ele.

— Lady Tameri, Sr. Erskine. Como meus amigos me chamam.

Seu aperto era quente, seco e firme, os dedos surpreendentemente calosos para um erudito cavalheiro.

— Lady Tameri. — disse, sustentando a mão mais tempo do que era apropriado.

Um choque de familiaridade passou através dela. Ela tinha sustentado esta mão antes, exatamente desse modo. Antes da escuridão. Antes... Liberou-se antes que pudesse humilhar-se completamente a si mesma e partiu a toda pressa para encontrar sua carruagem.

### **Capítulo Dois**

Mentiras.

Leo se sentou na sala do segundo andar atrás de Lady John Pickering, escutando com apenas a metade de uma orelha a adulante conversa da mulher.

Havia sabido no momento em que se ofereceu para ajudar a duquesa viúva que tinha cometido um erro. Fazia uma promessa que não podia manter, apoiado uma vez em uma impossível premissa.

Convença-me. Tinha deixado lady Tameri com um desafio que não foi capaz de resistir. Um desafio dado sob falsos pretextos.

Porque sabia que nunca seria capaz de convencê-lo. Nenhum detalhe de sua suposta “vida passada” podia sacudir sua convicção de que estava no apertão de uma poderosa ilusão, nenhuma



Susan Krinard  
Antologia Coração da Escuridão  
A Dama do Nilo

súplica de que entendesse poderia mover sua resolução.

Ela necessitava de um tipo diferente de ajuda. Como seu pai, o Conde de Elston, necessitou uma vez ajuda que não recebeu. Não havia ninguém fora da família que não tivesse sabido de sua profunda crença de que era a moderna encarnação de Leonardo da Vinci. Ele teve o bom senso de esconder a sua forma particular de loucura, enquanto que Tameri não.

Mas, entretanto ele pagou por isso. Leo tinha vindo para casa da escola quando o conde tirou a vida, desanimado sobre a sua incapacidade de convencer os mais próximos a ele que era o grande artista e inventor reencarnado.

O irmão mais velho de Leo, Harry herdou o título, mas Leo carregou a culpa da morte de seu pai muito depois de que deixasse a Inglaterra em sua primeira estadia ao norte da África.

Tinha falhado ao conde. Agora tinha a oportunidade de ver que tal tragédia nunca acontecesse novamente.

Mas devia mover-se com extrema precaução para não conduzir Tameri ainda mais profundamente em suas fantasias.

Leo estava distraído de seus turbulentos pensamentos pela notória sala. Assistiu alguns eventos sociais de viúvas no passado, mas em cada ocasião que estas foram realizadas em enormes, muito grandes salas ou nos inusitados e extensos jardins ao redor da casa.

Esta sala, embora muito menor, quase não era apenas menos impressionante que outras que tinha visto antes. Estátuas de arcaicos deuses Egípcios observavam com variados graus de gravidade e benevolência aos simples humanos entre eles. As paredes estavam pintadas com brilhantes murais descritivos da vida diária Egípcia, e a lareira era adequadamente coberta por densas linhas de hieróglifos. Leo se desculpou com Lady John e se aproximou do lugar. Os hieróglifos não estavam arbitrariamente escritos como por puros propósitos ornamentais, mas sim por palavras que poderia ter traduzido em mais tempo.

Um perito a aconselhava pensou ele. Um perito que era fluído na velha escritura egípcia. Leo conhecia cada um dos especialistas na Inglaterra. Tinha tentado a rica viúva a algum deles? Empregou um linguista de outro país?

— Bastante extraordinário, não são?

Leo se endireitou com surpresa.

— Boyd?

O magro homem de cabelo preto sorriu.

— Erskine. Já faz muito tempo.

Uma frase feita de proporções monumentais.

— Um bom tempo. — disse Leo — Não tinha nem ideia de que tinha retornado a Londres.

— Não tive oportunidade para avisar desse fato.

Era verdade. E por que deveria? Perdido nas sangrentas consequências do lugar sobre Khartoum, Alastair Boyd tinha emergido do deserto três anos depois como um homem destruído, murmurando em uma linguagem que ninguém entendia. Não falou de sua experiência, e depois de uns poucos meses na civilização se desvaneceu outra vez, aparentemente incapaz de durar em um mundo que não fosse o seu por muito tempo.

Era um homem que não ficava em evidência. Boyd era sadiamente vibrante, confiante, sorridente. À exceção de seu bronzeado e a quase ardente cor vermelha de seu cabelo, ele foi uma vez o perfeito cavalheiro inglês.

E era um convidado em casa de Lady Tameri. Um “íntimo” convidado.

— Alegro-me ver você de volta. — disse Leo, consciente de que o silêncio se estendeu muito.



Susan Krinard  
Antologia Coração da Escuridão  
A Dama do Nilo

— Vejo a pergunta em seus olhos. — disse Boyd com um irônico sorriso — Tenho aspirações de escrever um livro a respeito de minhas experiências. Terá que esperar que esteja completo para satisfazer sua curiosidade.

— Eu lhe imploro que me perdoe.

Boyd afastou o pedido de desculpas.

— Isso é natural.

Sua cuidadosa conduta parecia algo menos que convincente para Leo.

— Faz muito tempo que conhece a viúva? — perguntou ele.

— Nossas famílias se conheciam antes de minha recente estadia no Egito e Sudão.

Em cujo caso devia ter conhecido lady Tameri antes que se convertesse em duquesa, quando ainda não era mais que uma menina. Ela era muito mais jovem que o duque, e não a tinha visto frequentemente na Sociedade depois do seu matrimônio. Quando apareceu ao lado do duque durante as funções formais, tinha se vestido igual a qualquer outra mulher, e não tinha ocasionado murmúrio de nenhum tipo. Foi somente depois da morte do duque, e a herança do título pelo irmão mais jovem do duque, que apareceu em seu tradicional traje egípcio e começou a remodelar Maye House.

Sabe que a mudou? Queria perguntar Leo. Mas não era o momento ou o lugar.

— É afortunado. — disse ele.

— Na realidade. Convertemo-nos em muito... Bons amigos desde minha volta.

Leo sentiu que se arrepiava ante o satisfeito tom da voz de Boyd.

— A amizade de uma inteligente, independente e jovem mulher que ficou viúva deve ser uma aquisição valiosa.

Os lábios de Boyd se curvaram.

— Surpreende-me, Erskine. Nunca foi conhecido por tal insinuação grosseira antes de minha partida da Inglaterra.

A insinuação havia sido coisa de Boyd, mas Leo sabia que ele mudou. Dificilmente sabia que o demônio o agarrou.

— Não sou boa companhia esta noite. — disse ele.

— Então talvez você deva desculpar-se antes de arruinar a reunião da dama.

— Possivelmente tenha razão.

— Devo te advertir. — Boyd se inclinou mais perto — Tanto quanto eu valorizo a amizade da viúva, não estou sob tais ilusões como seu estado mental. Ela está bastante louca.

Leo ficou olhando.

— E você se chama um amigo?

— Não é isso que todo mundo pensa, inclusive você mesmo? — Boyd favoreceu a Leo com um condescendente sorriso — Tal excentricidade não está sem seus próprios méritos. —suspirou — Deixe-me ser franco, Erskine, para sua própria segurança. Temo que tenha um respeito muito penetrante pela encantadora dama. Desfrute de sua companhia se isso te agrada, mas não se envolva.

Momentaneamente sem palavras, Leo cerrou o punho e pensou seriamente em cair sobre Boyd onde estava. Mas dominou seus impulsos irracionais e se afastou antes que ele pudesse mudar de ideia.

Envolver-se. Certamente não ia envolver-se da maneira que Boyd sugeria. Mas e Boyd? Era encantador, bonito, sofisticado em maneiras e o vestir. Estava se aproveitando de Tameri, confiando-lhe suas coisas, para fazer o seu caminho como seu confidente... E a sua cama?





Susan Krinard  
Antologia Coração da Escuridão  
A Dama do Nilo

Tais pensamentos indignos eram completamente improcedentes, ao menos quando pertenciam à própria Tameri. Leo mal conhecia Boyd ou à dama em questão. Saltou às ridículas conclusões por razões inexplicáveis.

Não teve tempo para considerar a fonte de sua selvagem especulação. Chegou à chamada ao jantar, e se obrigou a oferecer seu braço à anciã Sra. Poole e ir para a sala de jantar. O jantar foi bastante agradável. Os serventes da viúva eram graciosos e eficientes, cada um vestido de irrepreensível linho branco. A conversa era ligeira, presidida por Lady Tameri em seu usual vestido de estilo egípcio. O pesado colar brilhava a luz das velas, e seu cabelo negro resplandecia.

Qualquer incerteza que possivelmente tivesse aparecido durante seu encontro no Museu Britânico, não era agora evidente. Não era meramente uma princesa se não uma rainha, segura e inacessível em sua majestade. Não dava particular atenção a Boyd, que se sentava vários assentos mais à frente. Uma ou duas vezes seu olhar se encontrou com o de Leo, mas não havia nada “íntimo” nisso. Tinha-lhe sido concedida a honra de atendê-la uma vez, e essa era suficiente honra.

Ninguém protestou quando Tameri não seguiu o usual costume de conduzir às damas para fora da sala de jantar, deixando os homens com os charutos e o brandy. Ela continuou presidindo a mesa, bebendo com os convidados, incluindo as mulheres e só depois de um considerável período se levantou para conduzir a todo mundo para a Sala Dourada.

Para surpresa de Leo, Boyd desapareceu antes que os convidados se reunissem outra vez. Perdido em seus próprios pensamentos, Leo vagou por fora da sala e pelos corredores. Profundamente preocupado, fez uma pausa ante uma porta fechada quando Lady Tameri o encontrou.

— Sr. Erskine?

Voltou-se rapidamente.

— Lady Tameri. Minhas desculpas...

Ela ondeou uma mão elegante.

— Meus convidados estão se retirando. Possivelmente gostaria de um passeio pela casa?

Leo examinou a pergunta em busca de sarcasmo e não encontrou nenhum. Quase perguntou se Boyd havia partido com os outros, mas o pensou melhor.

— É tarde. — disse — Deveria voltar em outro momento.

— Eu raramente me retiro antes das três. O mais cedo da manhã sempre foi minha hora favorita no palácio, quando o calor de um dia dava passagem ao outro e o novo ainda tinha que começar.

— Que palácio teria sido esse, lady Tameri?

Seu sorriso foi um enigma.

— Haverá tempo para tais discussões, Sr. Erskine. Seguimos? — passou ante ele, uma longa faixa dourada arrastando-se atrás dela. Efetivamente silenciado, Leo a seguiu, respirando a delicada essência de seu estranho perfume.

Ali havia tanto para ver. Sua casa era um museu ritual, e cada câmara que lhe mostrou no primeiro e segundo andar estava tão generosamente decorada como os salões e salas de jantar, representando magníficas reproduções das esculturas egípcias do Médio e Novo Reinos, maravilhosos murais e finos e complicados móveis esculpidos em madeira. As paredes do salão de baile possuíam uma estilizada pintura do Nilo, completa com hipopótamos, crocodilos e navios pesqueiros e o chão estava embutido com as pinturas de grandes faraós. Uma pequena câmara estava completamente dedicada a perfeitos modelos em escala de palácios e templos, completos



Susan Krinard  
Antologia Coração da Escuridão  
A Dama do Nilo

com pilares, obeliscos e colunas adornadas em brilhantes azuis, verdes, vermelhos e outros.

Mas foi a câmara final a que destacava por cima de todas as outras. Tameri o conduziu através de um pequeno salão e se deteve ante uma porta dupla fechada, plana e sem adornos. Tirou uma chave e abriu as portas.

O hall era escuro e silencioso. Tameri acendeu um pequeno abajur ao lado da porta, e os gabinetes e figuras ficaram brandamente contornadas.

Esta era uma coleção de tesouros tal como Leo nunca viu. As vitrines armazenavam artefatos notáveis, claramente de procedência antiga. Um sarcófago minuciosamente adornado do fim do Império Médio repousava sobre o soalho no lado mais afastado do quarto. Uma esfinge de notável basalto, com a cabeça de homem, apoiado em uma mesa próxima a ele. Uma deliciosa jarra canópica com uma tampa com a forma da cabeça de uma mulher que olhava de um lugar na parede de atrás. Em cima de tudo tinha sido colocada uma escultura de cerâmica vidrada de Isis e seu filho, Hórus.

Mudo, Leo fez um circuito lento ao redor da sala. A primeira gaveta continha esplêndidos exemplos de fina joalheria egípcia: um colar de ouro adornado com filas de contas lápis-lazúli e cornalina; um simples diadema de ouro sólido; um peitoral bordado decorado com flores de lótus e grifos; um impecável amuleto em forma de escaravelho de cristal e madeira. Cada peça era um original, cada uma preservada na sua glória antiga. Ao lado disso, grandes blocos irregulares de pedra com imagens em relevo de um vitorioso faraó e seus humildes servos tinham sido encaixados juntos para formar a parte de uma parede. Leo se agachou para examiná-lo. Não havia dúvida de que era autêntico.

Leo se levantou para olhá-la.

— Como se fez com isto? — exigiu.

— Tenho contatos no Egito. — disse ela com serenidade.

— Quer dizer ladrões de tumbas. — disse — Homens que se encarregam de roubar artefatos.

— E os de sua classe são melhores? Vocês, que não tem direito, profanaram tumbas significativas para defender os restos de seus proprietários durante todo o tempo, sujando os lugares de descanso dos faraós mais poderosos. Ao menos eu... — interrompeu-se, respirou profundamente e recuperando a compostura — Estas foram feitas para minha família.

— Sua família?

— Minha verdadeira família. Estas coisas não pertencem a ninguém mais.

Leo encontrou seu olhar, lutando contra uma estranha pressão no peito e o feroz batimento de seu coração.

— Isto pertence a um museu onde todos possam apreciá-los, não uma à falante mulher privilegiada que acredita ser superior a cada homem, mulher e criança na Inglaterra.

Sua pele, já pálida, ficou mais branca ainda.

— Se você é um exemplo de tal homem, então não tenho motivos para lamentá-lo. Você nasceu de um camponês, e até mesmo Osíris... — o atordoamento cruzou seu rosto, e se esticou para o móvel atrás dela — Asar, meu amor, meu rei...

Leo a agarrou antes que se deslizasse ao chão. Ela começou a tremer violentamente. A pele de seu pulso estava fria, a respiração baixa.

Esquecida toda ira, carregou-a de volta ao salão deixando-a na cadeira mais próxima.

— Tameri! — gritou, segurando-lhe seus braços.

Ela virou-se, travando a respiração. Os olhos verdes abertos, semicerrados, sonhadores,



Susan Krinard  
Antologia Coração da Escuridão  
A Dama do Nilo

sedutores. Os lábios separados.

— Asar?

O que aconteceu então estava mais à frente do controle de Leo. Puxou ela contra seu peito e a beijou. Sua boca aberta, permitindo que a língua se enredasse com a sua. Podia sentir cada contorno de sua figura, consciente de que não havia reforços e muito pouca roupa íntima. Ela escorregou os dedos por seu cabelo, gemendo com uma urgência que atraiu o corpo de Leo a uma dolorosa atenção.

Leo procurou ser um cavalheiro toda a vida, mas o que rugia agora em seu interior não era nada honrável. Mais que o fogo da luxúria. Mais do que qualquer emoção que ele jamais experimentou.

— Aset. — murmurou — Meu amor, minha rainha...

Os lábios perderam a flexibilidade. Ela empurrou de encontro a ele, o rosto cheio de cor quente.

Ela apareceu, deixando-o de lado, e reassumiu sua gelada dignidade como se fosse uma capa real de joias e debruada em ouro. Sem uma palavra cruzou a passos longos e pegou o sino e convocou a um de seus serventes vestidos de branco e preto.

— Shenti. — disse — Por favor, solicite a carruagem do Sr. Erskine.

O laçao deu uma olhada a Leo e se inclinou.

— Senhor, se me acompanhar...

Leo encontrou a voz de novo, recordando o que aconteceu justo antes de sua imperdoável indiscrição.

— Sua senhora não está bem. — disse — Um doutor...

— Estou muito bem, Sr. Erskine. — ela olhou de novo a Shenti, quem deixou claro que não partiria até que Leo o fizesse.

Ela estava assustada. Tinha-lhe medo, mas não por seu beijo. Se estivesse tão horrorizada por sua conduta como ele estava pela sua, isso não era o que lhe preocupava agora.

Quando seguiu Shenti ao vestíbulo, considerou a situação com tanta racionalidade como poderia reunir. Tameri estava claramente doente, talvez até mesmo perigosamente, não apenas imaginativa. Se não a tivesse pegado, poderia haver-se caído sobre a vitrine e se machucado. Tais circunstâncias poucas vezes ocorriam no isolamento.

Por duas vezes a viu entrar em um alterado estado de consciência, uma desconexão do mundo real. Tinha certeza de que não tinha “atuado” para ele em um esforço para convencer o de sua sinceridade. Realmente perdeu o controle.

Como ele.

Era óbvio que não consultaria sozinha a um médico, contudo Leo não podia ver como poderia convencê-la. Quando sua enfermidade começou? Estaria diretamente relacionada com suas ilusões?

Alguém devia vigiá-la. Certamente não “amigos” como Boyd. Estava claro que ela não tinha nenhum interesse particular nele, apesar de suas insinuações, e Leo não confiava nele, embora não poderia saber precisamente o porquê. Era óbvio que assim chamado Clube da Viúva, do qual ela era o mais proeminente membro, certamente teria alguma influência sobre ela.

Lady John Pickering certamente seria receptiva às suas preocupações, como Lady Selfride. Elas sabiam que não costumava ver nas mulheres as flores delicadas em necessidade de constante proteção masculina. Não tinham por que saber o que acabava de acontecer entre ele e a viúva. Cada instinto o impulsionava a proteger Tameri. Mas como podia protegê-la de si mesmo, mesmo



Susan Krinard  
Antologia Coração da Escuridão  
A Dama do Nilo

quando ele não entendia o seu próprio estranho lapso? O que o levou a tirar proveito dela em seu momento de maior vulnerabilidade? Ele não era nenhum libertino, como Sinjin o foi antes de seu matrimônio. Certamente podia dominar seus desejos.

Até esse imprudente momento no salão, não desejou Tameri absolutamente. Tinha-o feito?

Sacudiu a cabeça e subiu a sua carruagem. Encontraria as respostas, decidisse Tameri cooperar ou não. Já não era simplesmente o fato de ajudá-la a vencer seu autoengano. Não quando sua própria vida poderia estar em perigo.

A vida dela, e sua própria prudência.

Afundando-se no assento, fechou os olhos e recordou a sensação da pequena mão na sua. O tênue interior do carro preencheu-se com cálida luz branca, e sua própria voz sussurrou palavras que não eram dele.

— Aset. Meu amor. Minha rainha.

— Senhor?

Ele acordou de repente. O chofer mantinha a porta da carruagem aberta, o rosto enrugado com preocupação.

Leo assentiu bruscamente, descendo e caminhando um pouco instável à porta de sua casa na cidade. Os bustos de Aristóteles e Arquimedes, Copérnico e Galileu o saudaram no vestibulo, seus olhares cegos de desaprovação. Ele foi imediatamente para a biblioteca e escolheu o mais tedioso volume arqueológico que pôde encontrar.

Os esforços foram em vão. Vagou pela casa igual a um inquieto espírito até a alvorada, contando as horas até que pudesse fazer uma razoável visita às damas do Clube da Viúva.

Quando visse Tameri outra vez, ele, ao menos, estaria em perfeito controle.

### Capítulo Três

Para Tameri era bastante impossível evitá-lo.

Onde quer que Tameri fosse — onde quer que olhasse — ele estava ali. Embora não desse jantares, festas ou recitais durante os primeiros dias depois de seu inquietante encontro, Leo apareceu em todos e cada uma da meia dúzia de funções às que ela assistiu sempre à espreita em algum lugar no fundo. Vigando. Esperando.

Tameri.

Tameri fez todo o possível para esquecer o que ele... O que eles haviam feito em Maye House. Tentava continuar com sua rotina usual, mas descobriu que seus pensamentos iam constantemente à deriva para o magro e apaixonado rosto de Leo, o insistente calor de seus lábios. Estava constantemente distraída por perguntas: O que aconteceu justo antes do beijo? O que havia dito ou feito para provocar tal ação de Leo? Por que pareceu tão importante lhe mostrar suas amadas coleções? Tudo para convencê-lo de que suas crenças eram reais?

Por que estava tão terrivelmente atraída por ele quando ela conhecia seu destino, ainda tão irrevelado como era, exigia que permanecesse pura e comprometida à causa?

Alastair advertiu-lhe, em termos vagos, que não tinha nada mais a ver com Leo Erskine, embora tivesse evitado lhe dizer por que oferecia tal conselho. Talvez ele soubesse algo que ela



Susan Krinard  
Antologia Coração da Escuridão  
A Dama do Nilo

não soubesse. Talvez ele estivesse certo.

Preocupada e desconcertada, ela não respondeu a convites ou chamados. A governanta, as serventes e os lacaios revoavam iguais a sombras. Seu chef egípcio, treinado tanto na cozinha Europeia como asiática, tentava consultá-la em vão.

Três dias depois do incidente, Clara Pickering, France, Lady Selfridge e Lílian, Lady Meadows, chamaram-na novamente. Seus graves rostos quase a convenceram de que tinham adivinhado exatamente o que aconteceu.

— Como está? — perguntou Clara, procurando os olhos de Tameri — Não lhe vimos no baile de Lady Loving.

— Lady Loving estava bastante decepcionada. — disse France secamente, alisando sua jaqueta feita sob medida — Raramente declinou um convite.

— Acredito que estava aliviada. — disse Lílian — Pode ser bastante agradável, mas também é muito invejosa de sua beleza. — seu rosto redondo levava a carranca habitual — Por que não foi, Tameri?

— Nós ouvimos que estava um pouco indisposta. — disse Clara.

Tameri sentou-se silenciosamente na sua cadeira de espaldar alto, encontrando cada turno de olhares indiscretos. Desde que havia fundado o Clube da Viúva, tinha sido a líder nominal do grupo, embora fosse uma organização totalmente igualitária. Nenhum de seus membros tinha tido motivo para preocupar-se por ela antes; nunca tinham questionado seu passado ou seu modo de vida.

— Não têm do que se preocupar. — disse quando trouxeram o chá — A Temporada parece muito aborrecida este ano, e simplesmente desejava ter mais tempo para mim.

As mulheres trocaram olhares. Tameri verteu o chá, em um momento que não estava prestando atenção, derramando uma escaldante gota sobre sua mão. Lílian foi rápida em proporcionar um lenço para cobrir a queimadura.

— Não é nada. — disse Tameri, continuando como de costume — Diga-me, qual é a verdadeira razão de que tenham vindo?

— Está completamente segura de que não está doente? — exclamou Lílian.

— Não posso imaginar onde poderia ter ouvido tal rumor, — disse Tameri — mas é completamente falso.

— Certamente. — murmurou Clara.

Deixaram que seu chá se esfriasse um pouco e beberam a goles em silêncio. Depois do tempo preciso para dar por finalizada a reunião, as três damas se levantaram e se despediram.

Tameri retirou-se a seu dormitório e arrancou a diadema. Quem podia haver feito uma declaração tão ridícula e preocupar as suas amigas?

A resposta era bastante simples: Leo Erskine. Contudo, não estava muito menos doente. Possivelmente não fosse capaz de explicar seu comportamento com ele — e a humilhação que tinha causado — mas certamente ele não difundiria sua inapropriada conduta à sociedade. Por que deveria aproximar-se aos membros do Clube e sugerir que sua saúde era motivo de preocupação?

Começou a tranquilizar as suas companheiras viúvas comparecendo a um número de eventos sociais, interpretando seu habitual papel sem dificuldade. Mas ele continuava observando-a como se absolutamente não sentisse vergonha. E ela não podia levar a si mesma a enfrentá-lo.

Ainda mais preocupante era a atenção incomum das Viúvas, sobre tudo Clara e Lílian. Seus



Susan Krinard  
Antologia Coração da Escuridão  
A Dama do Nilo

penetrantes olhos pareciam delimitar a deliberada evasão de Sr. Leopold Erskine, e tinha certeza que ele se aproximou de algumas delas com uma história que ela não poderia contestar abertamente.

Ainda tentando me rotular como uma impostora. Nunca teve a intenção de me deixar convencê-lo. Ele a considerou uma charlatona que contratava profanadores de tumbas por sua própria vaidade. Uma mulher de moral duvidosa, que se entregaria a um homem tão evidentemente inferior a ela.

A primeira quinzena passou sem outro inquietante incidente entre eles. A Temporada continuava como sempre: jovenzinhas que procuravam desesperadamente maridos adequados, homens jovens e resistentes a reconhecer seu próprio dever de contrair matrimônio, tudo girando ao redor de um confete de bailes, óperas e visitas ao teatro. Tameri sempre se manteve acima da luta matrimonial. Nenhum homem a possuiria outra vez.

No início da terceira semana, uma nova coleção de antiguidades foi adquirida pelo Museu Britânico. Duas dúzias de finos artefatos egípcios que tinham sido doados recentemente por um proeminente colecionador, e sua generosidade era para ser comemorada com uma recepção exclusiva.

Não havia nenhuma dúvida de que a Duquesa Viúva de Vardon seria convidada. Sabia que a provável consequência de sua assistência seria outro encontro com Leo Erskine, em salões muito mais fechados do que ela tivesse preferido, mas como se contentava observando-a da segurança da distância, não tinha razão para preocupar-se. E ela, em nenhum caso, renderia qualquer de seus prazeres habituais devido a ele, ou ao que ele pensasse dela.

A recepção estava lotada, repleta com damas da alta sociedade e os cavalheiros que as escoltavam. A maioria das pessoas eram apenas amadores que estavam interessados em qualquer nova moda. Observavam seus conteúdos, fazendo os usuais sons apreciativos e movendo-se à próxima diversão. Eram rapidamente conscientes de Tameri com sorrisos, risadas afetadas e reverências.

Os homens que tinham adquirido a nova coleção, os finos e cultos eruditos que consideravam Tameri um dano, eram de longe menos efusivos em suas boas-vindas. Eles se policiavam para não ofendê-la, mas seu ar era condescendente quando respondiam suas perguntas ou tentavam rebater seus argumentos que advertiam muitos enganos em suas hipóteses e conclusões sobre o passado.

Erskine não estava entre eles. Possivelmente, finalmente houvesse se cansado de estudá-la. Procurou-o entre a multidão, mas não encontrou nenhum cavalheiro alto, de pernas longas, com um sorriso afável e as marcas de óculos sobre a ponte de seu nariz.

Deveria haver se sentido aliviada. Agora poderia tirá-lo completamente de sua mente. Mas uma implacável voz interior insistia em que ele não iria com ela, nem ela com ele.

Meu amor.

Tameri começou a partir de sua fantasia, desculpando do entusiasta jovem cavalheiro que considerava a si mesmo um perito em matérias das quais não sabia nada e fez um rápido percurso na sala da exposição principal. Os objetos ali estavam muito preservados e respeitosamente expostos, mas, entretanto, tinham-lhes sido roubados a aqueles para os que tinham um significado mais profundo.

Uma solitária e extraordinária escultura tinha sido colocada dando-lhe o lugar de honra: a cabeça de uma elegante mulher, de pescoço longo, serena e formosa. A pedra calcária ainda continha traços da cor original nos lábios e nos olhos. Sua coroa a assinalava como alguém da



realeza. Quase teria podido ser o reflexo da própria Tameri.

— É algo misterioso.

Tameri voltou-se de repente. Leo Erskine permanecia à altura de seu ombro, examinando a escultura através de seus defasados óculos.

— Desculpe? — disse rígida.

— A semelhança. Absolutamente notável.

Tameri sacudiu suas saias a um lado e começou a sair.

— Lady Tameri.

Ela se deteve, tremendo ante a gentil insistência de sua voz.

— Sr. Erskine?

— Não há necessidade de que nos comportemos desta maneira. Não somos crianças.

Um par de mulheres mais velhas, uma de braço com a outra, saudaram Tameri e seguiram adiante. A multidão tinha diminuído, uma vez que estava ficando tarde, e tinha um poço de calma em torno dela e Erskine parecia suspender o momento fora do tempo.

Ela se voltou de novo.

— Não. — disse ela — Não somos crianças. Nem tampouco somos amigos, Sr. Erskine, apesar dos enganos que cometemos.

— Foi um engano, Tameri?

O uso de seu nome sem o usual título enfraqueceu sua resolução de aço.

— Nem sequer uma princesa é perfeita, Sr. Erskine. Bom dia.

— Você teve outro ataque?

A sala deu um rápido giro.

— Não sei a que está se referindo. Mas se tiver se aproximado de meus amigos e lhes deu a entender que estou doente, eu exijo um fim.

— Você não está bem.

Um temor começou em suas pernas e se estendeu por sua coluna.

— Bom dia.

Ela partiu, sem saber aonde ia, e encontrou a si mesma em frente de uma porta fechada. Irrompeu nesta sem pensar e entrou em uma sala pequena, escura, apenas maior que um armário e que claramente não foi adequada para acolher ao público em geral. Havia somente um objeto na sala: uma caixa de cedro pintada, encarapitada na forma de estranhos animais, exibida em uma plataforma elevada. Como se fosse um sonho, Tameri se moveu para o peito e pousou sua mão na lisa e fria superfície.

— Tem um compartimento secreto — disse Erskine, entrando detrás dela — Ninguém foi capaz de descobrir como abri-lo.

Meio consciente da presença de Erskine, Tameri passou seus dedos sobre as figuras e os hieróglifos gravados no centro da tampa do peito. Conhecia a deusa que posava com as mãos elevadas contra seus inimigos: Isis, Aset, Senhora dos Céus, Grandiosa da Magia. Ante ela estava Osiris, Asar, envolto em suas mortalhas fúnebres. E cruzado entre ambos os bons deuses colocaram o único que os tinha odiado acima de todos os outros: Set, Sutekh, irmão de Asar. Deus do Caos, deus das Tormentas. Sua cabeça era a de uma estranha besta, com orelhas planas para cima, curvando o focinho como nenhuma outra criatura.

— Ele cobiçava o trono de Lorde Asar. — murmurou ela — Desejava governar toda a Terra Negra e assassinar ao Bom deus. Ele jogou seu caixão no Nilo.

— Quando Aset o encontrou, — continuou Erskine brandamente — e Sutekh descobriu que



ela poderia restaurar a vida à Asar, rasgou o corpo de seu irmão em quatorze pedaços.

— Mas Aset encontrou os fragmentos e os uniu de novo. Por um pequeno momento o trouxe da morte. Mas antes que ele voltasse para mundo terrestre, deu-lhe um filho.

— Hórus. Heru do Horizonte, que lutou com Sutekh e ganhou.

Mas Asar e Aset nunca se encontraram. Asar permaneceu no submundo e Aset no mundo da vida e da fertilidade. Sempre permaneceram separados...

Tameri pressionou a mão contra a testa. Mãos quentes e fortes agarraram as suas.

— Veem. — disse Asar — Afastemo-nos deste lugar.

Ela elevou o olhar a seu rosto. Que formoso era. Justo como tinha sido antes que Sutekh tivesse dado rédea solta a seus estragos. Ela sorriu, acariciando sua bochecha e olhando outra vez a caixa. Com um toque de seus dedos encontrou o compartimento oculto e levantou a tampa.

Dentro estava o sagrado pergaminho, justo como ela tinha recordado. Ouviu um som baixo, como se fosse de assombro, mas não tinha nenhum significado. O pergaminho era leve e frágil em sua mão. Ela o desenrolou cuidadosamente.

A resposta estava ali. A resposta que ela tinha esquecido.

Ela levantou os olhos para seu marido.

— Chegou o momento. — disse — A espera chegou ao fim.

### Capítulo Quatro

Leo viu a desconhecida luz nos olhos dela e sabia que estava acontecendo de novo. O próprio fato de que foi capaz de abrir a caixa era prova suficiente. Aproximou-se mais, deixando a consternação de um lado e preparando-se para agarrá-la se comesse a cair.

— A espera? — repetiu ele.

Seus olhos eram claros, seguros e iluminados com o amor. Não tinha outra palavra para descrever a maneira em que o olhava.

Ainda não era realmente a ele a quem estava contemplando, a não ser a alguém mais. Alguém que tinha o rosto e o nome de um deus.

— Mostre-me. — disse ele suavemente.

Deu-lhe o papiro com um arco formal, as palmas completamente abertas. O antigo papel, notavelmente preservado, rangeu quando o desenrolou e começou a ler.

O texto era quebradiço e limpo, como se tivesse sido posto ontem. Cada caráter parecia colocar-se sobre a superfície do papiro, imbuído com uma luminescência quase mágica.

Era uma profecia. Escrita na língua ritual dos antigos, essa revelava a história de Isis, Osíris e Set. Descrevia um mundo no qual os deuses eram muito reais, sua dor tão genuína como a de qualquer mortal.

Leo leu, desenrolando o pergaminho um pouco ao tempo que alcançava uma seção fixa a parte do resto. A hierática escritura era diferente a qualquer uma que tivesse visto. Olhou no rosto de Tameri. Seu olhar ainda era sonhador, ainda fixo nele como se fosse sua única salvação. Um tremor de completa excitação irracional, ou medo, deixou-o paralisado.





Susan Krinard  
Antologia Coração da Escuridão  
A Dama do Nilo

Osíris e Isis renascidos. Reunidos neste mundo, neste plano, dispostos a sacrificar dois crentes escolhidos. Dois que dariam seus próprios corpos e almas ao deus e à deusa, de modo que o reino dos mortais estivesse a salvo de Set por toda a eternidade.

Ela pensava que era um deles.

Ele não tinha tempo para encarregar-se da enormidade das implicações. A náusea fazia seu estômago de presa, e a sala se tornou escura...

Maahes permanecia sob um toldo, sentindo o quente vento do deserto sobre a pele nua de suas pernas e peito. Esse era um lugar reservado, um lugar privado, esquecido de todos exceto dos mais devotos seguidores daqueles a quem conhecia o verdadeiro propósito da cerimônia. Quem sabia como era vital o resultado do emparelhamento e a transformação vindoura.

Ante ele se estendia a boca da tumba, o lugar preparado para ele e sua noiva. Esse era um portal, não para a morte, se não para a alegria. Quando os sacerdotes cantavam e misturavam seus chocalhos, chamando aos Grandes, despertando-os de seu longo sonho, a única serenidade vinha da dama a seu lado.

Ela, que esteve com ele em todos os sentidos. Ela, que aceitou converter-se na Aset em vida. Quando se encontraram pela primeira vez, tinha-o olhado como se não fosse mais que gado nos campos ou de um dos escravos que carregavam sua liteira. Ele era um soldado comum ao serviço do Faraó, escolhido por razões que não podia supor para converter-se em seu marido por essa única noite.

Os olhos de Lady Tameri encontraram os seus. Eram tão verdes como o fluxo do Nilo, igual aos olhos dos gatos do palácio. Não tinham perdido sua arrogância, nem tinham encontrado favor com ele, embora ele tivesse dito que não era atraente. Uma vez mais ele resistiu à urgência de cair a seus pés. Uma vez mais recordou a si mesmo que nesse lugar e momento, era igual a ele.

E a compadecia. Ele, nascido em uma choça de barro no quarto mais pobre da cidade, compadecia a essa formosa mulher porque sob seu desprezo havia medo. Medo de perder-se a si mesmo. Medo de converter-se em uma deusa.

Ele também estava assustado. Mas estendeu a mão para pegar a dela, encontrando-a fria apesar do calor, e seus dedos rígidos. Contudo, ela não a retirou. Seu olhar se dirigiu para o portal, seu perfil ainda intacto.

Não me desdenhará quando estivermos juntos de novo, pensou ele. Só havia uma união eterna e uma longa batalha contra o Único Mau. Uma batalha que iriam partilhar a esperança.

Os sacerdotes acabaram suas invocações. Dois dos mais altos entre eles, um fazia o voto a Asar e o outro a Aset, tomando seus lugares ao lado de Maahes e a Dama. Não se pronunciaram palavras. Tudo foi explicado. Desafiando seu medo, Tameri entrou na longa passagem. Maahes se uniu a ela, agarrando sua mão com mais firmeza. Na entrada da tumba, os deuses, iluminados em tonalidades brilhantes pelos artesãos mais finos, abriram seus braços em boas-vindas.

Só um simples abajur iluminava o interior. A superfície de cada parede estava coberta com escrituras que descreviam a história de Aset, Asar e Sutekh e o conto da vitória de Heru, o assassino de seu tio.

Falava do desejo de Sutekh de recuperar o domínio do mundo, de deixar seu exílio no deserto e reclamar o reino que perdeu.

Tinha sido colocado um sofá para Maahes e Tameri, os móveis mais finos arrumados para sua comodidade. Pão e mel, cerveja e fruta, fresca e abundante, tinham sido dispostas para seu longo caminho. Tameri tirou a mão da sua e observou como os sacerdotes fixavam a porta em seu



Susan Krinard  
Antologia Coração da Escuridão  
A Dama do Nilo

lugar.

Faziam sua parte. O resto estava nos escolhidos.

Tameri sentou em uma cadeira de cedro lavrada com ébano e marfim, seu olhar ainda fixo sobre a negra casinha da porta. Embora sua postura fosse a da princesa que era a ele não enganava.

— Minha senhora. — disse, ajoelhando-se ao seu lado — Isto acontecerá.

Ela o olhou, seu rosto uma elegante escultura na luz do abajur.

— Sim. — disse em voz plana — Logo já não existiremos.

— Isto não é o final, a não ser um começo.

Ela riu como se tivesse ouvido um macaco adestrado falar.

— Tem muita fé, camponês.

— Acredito que Sutekh se levantará de novo. Deve ser detido.

— Fala como um bom soldado. — seus punhos apertados nas dobras de seu vincado e fino avental — Tem pouco a perder.

— Lamenta sua escolha.

— Cumpro meu dever por amor à deusa. Mas eu... — fechou os olhos.

— Haveria escolhido alguém, senhora? — perguntou suavemente — Aquele com quem você compartilharia sua vida?

Ela se virou e bateu nele. Essa não era a pior dor que possivelmente houvesse sentido, mas seu temperamento insurgiu-se.

— Estamos aqui juntos. — disse ele — Vamos aproveitar o tempo que nos resta.

Seus olhos verdes eram escuros como o ébano.

— Deseja-me, camponês? — levantou-se, exibindo as flexíveis curvas de seu corpo sob o linho bordado de seu traje e avental.

Seus mamilos tinham sido tingidos com henna, elevando os picos sob as longas tiras de seu vestido. A secreta sombra entre suas coxas o fez endurecer-se.

Maahes levantou-se.

— Como poderia qualquer homem não te desejar?

Ela estremeceu-se, cruzou os braços sobre seu peito e caminhou para os murais na parede mais próxima. Um longo painel dominava o resto: rodeado por lótus fluorescentes e águas, Asar e Aset estendiam-se juntos, a deusa empalada sobre o membro ereto do deus.

Maahes seguiu Tameri e pôs-lhe as mãos sobre os ombros.

— Você é linda. — sussurrou-lhe — Mais linda que a flor de lótus.

— Tal discurso para um soldado. — disse, tentando burlar-se dele.

Mas conteve a respiração quando ele escorregou as palmas sobre seus braços e cavou seus cotovelos.

— Sua pele está banhada em mel. — disse ele, tocando seu pescoço com seus lábios — É como vinho, ouvir sua voz.

Ela virou-se em seus braços, seu olhar encontrando o seu.

— Tenho medo.

Elevou-lhe o queixo e acariciou-lhe a bochecha.

— Toda a vida está agora dentro de nós. — disse — Não pode nos roubar.

Descansando as palmas sobre seu peito, deixou que ele a abraçasse. E quando seu corpo pressionou o seu, sabia que ela havia deixado cair a barreira final entre eles.

Tameri era uma pluma em seus braços. Levou-a ao sofá e a estendeu sob ele. Seus olhos não



Susan Krinard  
Antologia Coração da Escuridão  
A Dama do Nilo

se separaram dos seus até que ele se ajoelhou ao lado da cama, escorregando os suspensórios de seu vestido por seus braços e acariciando-lhe o seio.

— Como pode ser? — murmurou ela — Como posso me sentir tão...

Não falou mais quando ele tomou seu escuro mamilo entre os lábios. Suas costas se arquearam. Acariciou-lhe a coxa através do fino tecido enquanto sugava, e a respiração dela se fez mais rápida.

— Maahes. — choramingou.

Levantou-a outra vez, desatando o manto e tirando-lhe seu envoltório. Sua nudez era tão lisa como a pele de um leopardo. Adorou-a, pagando tributo a seu seio, ventre, coxas e o que descansava entre eles.

— Igual ao vinho. — murmurou, bebendo profundamente.

Ela separou suas coxas com suaves gemidos de excitação. Ele tirou sua saia com um movimento da mão e estendeu ao lado dela. Acariciou-lhe a bochecha com pequenas palavras de carinho e enlaçou suas pernas ao redor de sua cintura.

Um único empurrão, e estavam unidos. Uma vez que entrasse nela e ela tomasse sua semente em seu interior, tudo o que conheciam mudaria. Mas primeiro haveria o prazer, o apertão de seu corpo ao redor do dele, o voo do falcão no crepúsculo.

Deslizou-se dentro dela. Ela gritou seu nome uma e outra vez. Ele se moveu, sentindo a barreira que nunca transpassou, fechou os olhos.

Agora.

— Leo!

Ele abriu os olhos. Tameri estendida debaixo dele, suas saias e anáguas empilhadas em sua cintura e seus calções rasgados por impacientes mãos. Suas calças estavam desabotoadas e seu pênis...

Leo levantou de repente e se afastou, lutando com os botões. Tameri ficou estendida um momento mais, seus olhos já não eram verdes se não negros.

— Onde estamos? — disse ela.

Girou a cabeça, buscando-o na escuridão. A porta estava fechada, e não havia outra luz salvo a tênue luminescência que emanava do busto.

Meio temendo tocá-la, Leo estendeu a mão para ajudá-la a levantar-se. Com um agudo movimento ela baixou as saias e se deslocando para fora do alcance para sentar-se contra a parede.

— Tameri. — disse roucamente — Eu não sei... Não quis...

Mas ela não parecia escutar-lhe.

— Onde estamos? — repetiu — Está tão escuro. Tão escuro.

— É só uma sala no museu. — disse, mantendo a distância — Se você esperar aqui, vou me assegurar...

Que ninguém os visse, pensou ele. Só podia rogar para que isso fosse assim. Parte dele ainda estava nesse outro lugar, insatisfeito, dolorido de necessidade. Mas nada disso importava agora.

Ele abriu caminho até a porta. Esta não se abria.

— Não podemos sair. — disse Tameri, o pânico elevando-se em sua voz. Seus sapatos raspavam o piso — Trancaram-nos aqui!

Leo fez um esforço mais e então aceitou o fato de que de algum jeito tinham conseguido ficar presos na sala.

— Ninguém nos trancou. — disse — A porta bloqueou-se acidentalmente. Alguém nos



Susan Krinard  
Antologia Coração da Escuridão  
A Dama do Nilo

encontrará logo.

— Não. Não virá ninguém.

As palavras já não eram temerosas, mas sim estavam cheias de desespero. Erskine dificilmente poderia localizar onde estava sentada contra a parede, seus braços apertados firmemente contra seu peito. Igual a quando se sentou em outro lugar e tempo.

— Não há nada a temer. — disse ele.

Ele esticou-se em sua direção, deteve-se, deixando cair novamente os braços. Não se atrevia a tocá-la outra vez.

Mas ela foi aos seus braços, deixando-o sustentá-la como ele tão desesperadamente desejou fazer, embora seu senso comum dizia-lhe que isso era um sonho como essa outra visão. Acariciou-lhe o cabelo, preto como foi a outra Tameri, caindo solto por seus ombros.

— Mais linda que a flor de lótus. — murmurou ele.

Ela elevou os olhos para ele.

— Estava ali. — disse ofegante—. Estava...

A porta se abriu de repente. Leo deixou Tameri sair, enrolando-se em seu casaco e fazendo-se a um lado. A luz derramou na sala.

— Quem está aí? — exigiu a voz de um homem.

Leo saiu a seu encontro.

— Leo Erskine. — disse — E sua graça a Duquesa Viúva de Vardon. Temo-me que pegamos uma rota equivocada.

O homem, um dos empregados do museu, olhou de Leo a Tameri. Ele ficou olhando um instante muito longo o cabelo solto de Tameri.

— Já... Vejo. — disse, recordando a sabedoria da diplomacia. Afastou-se da soleira — Sua graça.

Qualquer que fossem seus medos anteriores, Tameri parecia ter recuperado sua altivez habitual. Leo observou ansiosamente como deixava a sala, rogando que o jovem continuasse com sua prudência. Deteve-se justo fora da porta e dedicou ao empregado um longo e significativo olhar.

— Sua graça sempre foi uma patrocinadora generosa. — disse casualmente — Seria uma pena que perdesse interesse no museu.

O olhar do jovem oscilou para o chão.

— Entendo-o absolutamente, Sr. Erskine.

Leo deu um tapinha no ombro dele socialmente e seguiu Tameri, mas suas pernas não estavam bastante firmes. Estava tremendo. Como certamente também os teria da parte de Tameri, embora ela se movesse com sua acostumada segurança.

A segurança de uma verdadeira princesa. Uma princesa que tinha medo da escuridão.

Dando-lhe à cabeça uma rápida sacudida, Leo deixou que Tameri tomasse bem a dianteira e se deteve ante o busto egípcio que ela examinou anteriormente, esperando até que esteve seguro que podia enfrentar o mundo com compostura.

Um mundo que já não parecia inteiramente o seu.

Sorriu e assentiu a alguns conhecidos, detendo-se para trocar umas palavras com um dos diretores do Museu e deixou o edifício. Sabia que devia ir atrás de Tameri, assegurar-se de que estava bem, mas também sabia que rejeitaria qualquer oferecimento de ajuda. O papiro o confundia com cada batida do seu coração. Ele não era como Tameri havia dito, melhor que um ladrão.



Mas devia entender. O pergaminho continha as respostas que tinha estado procurando. Tinha pretendido salvar Tameri de si mesma, mas começou a perguntar-se se devia salvar-se também, a si mesmo.

### Capítulo Cinco

O primeiro pensamento de Tameri foi ir diretamente a suas amigas no Clube da Viúva. Foi por instinto que se afastou até o Wilton Crescent, onde sua mente clareou e recordou como Frances, Lílian e Clara tinham deixado cair a respeito de sua “suposta” enfermidade. Nenhuma das viúvas nunca tinha acreditado completamente no que seus sonhos e visões concerniam; conheciam-na e aceitavam a sua hipótese de uma vida passada, mas se tentava explicar o resto, elas estariam mais propensas a sentir-se ainda mais justificadas com seus medos sobre o assunto. Muito menos compreenderiam como chegou a encontrar-se a si mesma no chão, com as pernas expostas, com Leo quase preparado para...

Tameri mordeu o lábio com tal força que se fez sangue. Sempre foi uma das mais firmemente decidida das viúvas, negando-se a considerar sequer o matrimônio ou menos ainda uma aventura formal com muitos dos homens que teriam estado felizes de compartilhar sua cama, “excêntrica” ou não. Quão atônitos estariam se eles soubessem.

A visão tinha sido tão real. Tão verdadeira. Leo nunca teria atuado de tal maneira se não tivesse sido pego nisto com ela.

Não podia ser.

Negava-se a considerar o fato absurdo, ou a permitir que seu corpo sentisse outra vez o que tinha sentido nessa época passada. A umidade de sua língua sobre seus mamilos. A sensação das mãos sobre sua carne nua. A quase insuportável sensação do longo e duro membro entre suas coxas.

Ajude-me, Aset. Ajude-me.

Possivelmente a deusa a ouviu, porque foi capaz de voltar para o Maye House sem que seu chofer ou seus serventes se dessem conta de seu nervosismo. Resolveu responder às cartas e convites sem problemas, em seguida, retirou-se para o conservatório, onde se sentou entre as baixas palmeiras exóticas e flores tropicais que nunca tinha visto.

Frequentemente tinha pensado em visitar o Egito. Egito, sua Mãe, a que lhe deu a vida. Essa



Susan Krinard  
Antologia Coração da Escuridão  
A Dama do Nilo

outra vida.

Onde a tumba esperava, a boca ofegante para receber esse sacrifício...

Uma distorcida lembrança, nada mais. Seu destino não foi, não podia, terminar em um destino tão terrível. E Leo não esteve nessa tumba com ela. Ele não era Maahes, amado de Asar.

Leo. O nome de um leão. E Maahes era o antigo deus Egípcio Leo, que permaneceu ao lado do deus do sol quando lutou com o diabólico deus serpente Apep.

Só coincidência. Sua imaginação.

Não poderia amá-lo.

Mas essa parte do destino que se negava a reconhecer? Era a tumba o que mais temia, ou Leo mesmo? E o que tinha acontecido com o pergaminho que foi encontrado? Nunca tinha visto o que continha. Tinha-o Leo?

Tameri vagabundeou até cair à noite, passeando pelo jardim, os corredores e sua suíte privada. As inscrições de paz, alegria e amor pintados sobre as paredes não lhe davam consolo, nem as imagens dos benevolentes deuses e suas boas obras em nome da humanidade.

Quase se sentiu aliviada quando Bab anunciou a chegada de um visitante. Tinha passado bastante da hora para receber visitas, mas Tameri não podia jogá-lo de sua porta. Especialmente quando necessitava tão desesperadamente o entendimento de alguém como ela mesma. Mesmo que não poderia dizer-lhe toda a verdade.

Alastair Boyd entrou no salão, trazendo com ele o aroma do ardente vento do deserto. Os escuros e intensos olhos a mediram quando se levantou para encontrá-lo.

— Aconteceu algo. — disse ele sem preâmbulos.

Ela enviou para Bab para outro aposento e se sentou novamente, assegurando-se que a saia caísse em perfeitas dobras sobre seus tornozelos.

— Recordei algo mais. — disse ela.

— Seriamente? — sentou-se na cadeira oposta a sua e se inclinou para frente, com as mãos bronzeadas entrelaçadas — O que recordou?

O desejo de contar-lhe tudo a sobressaltou, confiar a este único homem que sabia melhor que nenhum outro quão importante eram os eventos.

— Uma cerimônia. — começou cautelosamente.

— Que tipo de cerimônia?

— Uma invocação de Aset e Asar. Os sacerdotes conduziram... — ela foi incapaz de acabar.

— Estava sozinha?

Essa era uma pergunta absurda, quando acabava de lhe dizer que havia sacerdotes presente. Ele não podia saber o que tinha descoberto no sonho, ou suas terríveis implicações.

— Sim. — disse, mentindo sem saber por que o fazia — Entendi muito pouco, só que isso era uma parte do ritual. Que era uma parte da Grande Batalha.

— Ah. — ele se reclinou, a satisfação no rosto bronzeado — Talvez este seja um sinal de que quase chegou o momento em que reclame tudo o que perdeu.

Perdido... Ao longo dos milênios, os longos milhares de anos na Inglaterra quando não tinha sabido nada da Batalha e seu papel nisso. Um papel de liderança que acabaria em triunfo, não uma lenta, sufocante morte.

— É muito cedo. — disse — Saberei quando Aset escolher para me dizer.

— É óbvio. — ele franziu o cenho, estudando seu rosto — Aqui há algo mais, não é verdade?

Sua pele clara a traiu com um rubor.

— Nada.



Susan Krinard  
Antologia Coração da Escuridão  
A Dama do Nilo

— Viu-o outra vez.

Como sabia? Ele tinha visto a ela e Leo no Museu?

— Não, não o vi. — disse friamente — Mas se o fizesse, não seria de sua incumbência.

— Mas eu avisei. Ele não é confiável.

— Confiável com o quê? Você nunca se preocupou em explicá-lo.

— É uma distração, não digno de sua majestade. Não pode permitir nenhuma diversão agora, quando estamos tão perto.

— Fala como se temesse que tivesse interesse em mim. O qual é dificilmente o caso. Ele não se interessa exceto como uma... Uma curiosidade.

— Você subestima a si mesma, Tameri. — levantou-se e foi para ela — Qualquer homem te desejaria.

Ela congelou-se. Maahes disse quase as mesmas palavras.

Boyd não era Maahes. Ele era igual a ela, uma encarnação, mas de um sacerdote chamado Sinuhé. Seu leal e devoto servente, vinculado à mesma causa.

— Asseguro-te que ele não, nem eu a ele. — moveu-se para afastar-se, mas Boyd a bloqueou.

— Prove-o. — sussurrou — Prove que ele não é nada para você.

A essência de seu corpo, fragrante de umas familiares especiarias, banhou-a. Ela sentiu sua luxúria, como colidindo com tudo o que tinha experimentado desde a primeira vez que Leo Erskine tinha vindo a sua casa.

Ele nunca se comportou assim. Era como se ele tivesse esquecido quem ela era.

— Afaste-se. — ordenou.

— Eu fui um Alto Sacerdote de Aset. — murmurou, passando os dedos ao longo da linha de sua mandíbula — Sou digno de você como nenhum outro.

Quase tinha medo dele. Quase.

— Guarde sua devoção para a deusa.

Tomou-a em seus braços. Era forte, igual a uma força da natureza, igual a uma tormenta.

— Não pode vê-lo? Estamos destinados a estar juntos, para lutar contra o mal lado a lado.

Mas não foi você que eu vi. Não foi a Sinuhé a quem entreguei meu corpo.

E se não o era? Que melhor forma de tirar Leo e a visão de seus pensamentos que aceitando os avanços de Boyd? Devia dar saída para a paixão sobre a qual não tinha controle, por que não a deixava para o homem com o qual realmente podia compartilhar tudo até o final?

— Sim. — murmurou ele, a respiração acariciando sua boca — Juntos Tameri.

A resistência escapou de seu corpo e ela elevou os lábios aos seus.

Leo deixou cair o livro com uma característica violência, levantando uma nuvem de pó. Seu mordomo tinha melhor critério que irromper em sua livraria, e tinha deixado que se convertesse em algo pouco melhor que um ninho de ratos.

Uma hierarquia de volumes completamente inúteis, nenhum dos quais podia verter a mais ligeira iluminação sobre o conteúdo indecifrável do papiro aberto debaixo de uma placa de vidro em seu escritório.

Passou as mãos pelo cabelo, cuidadosamente recolheu o prezado pergaminho e irrompeu pela porta. Quem quer que fosse o venerável escriba que tinha escrito aquelas palavras, havia-as feito ilegíveis para qualquer um que não fosse um que estivesse familiarizado com um desconhecido dialeto de um bolsista moderno.



Susan Krinard  
Antologia Coração da Escuridão  
A Dama do Nilo

A porta bateu com muita força quando a fechou. Sua expressão teve o desafortunado efeito de alarmar alguns de seus serventes, que não estavam acostumados a encontrar-se com nada mais que um amável e liberal senhor. Se houvesse feito um trabalho melhor acalmando-se teria acreditado que era só a frustração o que alimentava seu mau humor.

Mas não era isso. Desde que deixou o Museu, cada minuto esteve consumido com pensamentos de Tameri e a suavidade de sua pele, o sabor de seus seios, seus pequenos gemidos de prazer.

Isso não era real. Não havia, nunca tinha havido um homem chamado Maahes, nem nenhuma Tameri. Nenhum cântico de sacerdotes, nem público, nem sacrifício.

Exceto que a alucinação foi bastante real para que quase a tomasse igual a alguma besta de granja.

Em uma fina capa de desconcertante cólera, Leo visitou vários estudiosos que estavam mais que familiarizados com a escritura hierática. Como tinha esperado, nenhum tinha tido nada com o que contribuir, embora os três mostrassem bastante interesse no documento e olharam a Leo com especulação, e em um caso, com suspeita.

Quando não houve nenhum lugar aonde pudesse ir e nada que pudesse fazer, foi ao Maye House.

A hora de visita já tinha passado há muito tempo, mas lhe havendo dito Tameri que nunca se retirava cedo, faria a tentativa. Esperou uns bons dez minutos antes que um servente respondesse à porta, só uns poucos segundos antes que Leo tivesse decidido partir.

O homem estava claramente vermelho, a elevada cor era normal em seu rosto impassível.

— A viúva não está em casa. — disse.

— Devo falar com ela imediatamente.

— Sinto muito, Sr. Erskine. — tentou fechar a porta. Leo deslizou o pé entre a porta e a ombreira.

— Tenha a bondade de dizer a sua senhora que estou aqui.

Algo em sua voz ou em seu rosto deve ter advertido ao servente de que Leo não estava de humor para ser jogado à rua.

Convidou Leo a entrar no saguão, lhe pedindo que sentasse e partindo rapidamente.

Leo não esperou. Seguiu o lacaio escada acima à porta do salão Dourado e irrompeu dentro, evitando apenas ao servente quando atravessava a porta.

E se deteve. Tameri estava nos braços de Alastair, e a estava beijando.

As palavras que Leo gritou estavam em uma linguagem que só tinha ouvido em um sonho. Boyd se afastou de Tameri com um rugido não humano, que não qualquer um pudesse fazer. O calor esbofeteou o rosto de Leo. O lacaio voou da sala.

Um profundo ódio insondável se expandiu pelo peito de Leo, apertando o ar de seus pulmões.

— Boyd! — ladrou ele.

Ignorando Tameri, Boyd foi encontrar-se com ele.

— Será aqui, então?

— Saia fora.

Boyd sorriu, mostrando muito os dentes.

— Cometeu um engano, Erskine.

— Se acredita... Se acredita por um momento... — a assustadora energia que cruzava o corpo de Leo começou a se dissipar em parte — Vai, ou você vai cair a golpes de onde está.





Susan Krinard  
Antologia Coração da Escuridão  
A Dama do Nilo

— É óbvio. — de novo, Boyd era um homem extraordinário, mas Leo não tinha dúvida de que ainda era perigoso — Não é só um homem de livros, verdade, Erskine? Assim que alguns sabem quantos anos passou vagabundeando por zonas do mundo no qual nenhum inglês cordato se aventuraria, batalhando com os elementos, massacrando bestas e inclusive massacrando mais homens com seus punhos, um Webley British Bulldog inglês e seus punhos. Só que parece que não tem nenhuma pistola e sua inteligência lhe abandonou.

Leo elevou um punho.

— Não esqueci como usar estes.

Boyd retrocedeu um passo.

— Eu tenho mais respeito pela sensibilidade da dama. Terá o que deseja, mas não agora.

— É um covarde, Boyd. Seja lá o que aconteceu com você neste deserto...

— Silêncio!

Ambos os homens se voltaram para Tameri. Ela estava tremendo de raiva, suas pupilas tão dilatadas que dominavam o verde de seus olhos.

— Basta! — gritou — Não tolerarei homens bramando em meus aposentos igual a bestas de carga!

— Eu não estava fazendo de besta. — estalou Leo.

— Deixe esta casa! — ordenou, sem deixar dúvida de quem estava falando — Não quero te ver de novo!

Leo procurou em seu rosto alguma sensação detrás das furiosas palavras, mas este era duro e inapelável.

Ela não me reconhece, pensou violentamente.

— Você ouviu a dama. — disse Boyd.

— Há-lhe feito algo! — ladrou Leo.

— Evidentemente tenho feito o que você não poderia. — disse com um sorriso zombeteiro.

Leo tremeu com raiva. Mas não havia modo de ficar, não enquanto Tameri o olhasse com tal repugnância. Alguma coisa que Boyd disse envenenou sua mente contra ele, embora não soubesse como nem por que. O ciúme comum foi a explicação mais simples.

Mas Leo não acreditava.

— Terá o que deseja, mas não agora. — Boyd estava tão mal impaciente para fazer picadinho de Leo, como Leo queria desmembrar a seu rival. Mas sua antipatia ia além do que cada um sentia por Tameri.

O que é que sinto?

Reconhecendo a necessidade de um distanciamento temporário, partiu. Não havia nada que Boyd pudesse fazer realmente para ferir Tameri; possivelmente a seduzira, mas era uma mulher adulta que tinha direito a fazer suas próprias escolhas.

Fará? O que eu faço?

Ele ignorou sua carruagem, caminhando para o bar mais próximo e entregando a si mesmo ao esquecimento.



### Capítulo Seis

Tameri ficou ante a porta do armazém, envolta em uma capa escura com capuz que protegia sua identidade contra as pessoas comuns que rondava essas imundas e incômodas ruas. Tinha chegado a conhecer muito bem esse lugar, mas a favela se parecia cada vez mais a um fantasma em si mesmo, encolhendo-se e desvanecendo-se, tanto como ela mesma começou a desvanecer-se.

Os pés a levaram descendo por uma escada oculta, mas mal era consciente de seu progresso. Sentiu-se estranhamente distante da noite em que Alastair Boyd e Leo Erskine tinham brigado, e tinha expulsado Leo.

Isso era o melhor. Mas quando aconteceu, quando disse a Leo que não queria voltar a vê-lo de novo, não tinha percebido o que estava dizendo. Só depois de que Alastair partiu o tinha recordado e entendido. Ainda não podia recordar absolutamente o que Alastair e Leo haviam dito um ao outro, mas pouco importava. O que feito, feito estava. Tudo para o melhor, embora seu coração houvesse murchado e sentia o corpo como o de uma anciã, funcionando só porque a necessidade o exigia.

Os outros estavam esperando-a quando alcançou as portas do porão. Golpeou duas vezes. As portas se abriram, e a mulher no interior se arqueou profundamente, seu xale de linho pressionando o seu corpo por uma rajada de vento que se arrastava à esteira de Tameri.

Os escolhidos já haviam se reunido e se colocaram ante o tablado, onde o sacerdote lhes esperava para começar. Voltaram-se e se inclinaram, alguns se afundaram no chão enquanto Tameri caminhava passando por eles.

Conheciam-na. Nos meses passados se reuniram ali como se fossem impulsionados por alguma voz que os convocasse... Ao princípio só um, depois mais, até que foram duas filas de seguidores, todos convocados pela Grande Batalha. As capas estavam atiradas sobre as cadeiras; ali não havia necessidade de segredos.

A deusa estava de pé sobre o tablado, a figura de pedra calcária benévola e sorridente, levando um bastão em uma mão e uma ankh na outra, o disco do sol e os chifres de Hathor sobre a cabeça. O sacerdote, coberto com a pele de um leopardo, sorriu e se inclinou a Tameri como se nada tivesse ocorrido em sua sala de estar dois dias antes.

— Senhora. — disse ele — É um dia de bênção.

Ela estudou seu rosto, os duros planos emoldurados pela peruca negra. Nos olhos havia mais



Susan Krinard  
Antologia Coração da Escuridão  
A Dama do Nilo

respeito ou satisfação. Acreditava que o que tinha acontecido entre eles continha um maior significado do que lhe conferia.

Um beijo não era necessariamente uma promessa de algo mais. E ele sabia melhor que ninguém por que ela devia permanecer livre para seguir aonde Aset a conduzisse.

Mas ele era tão necessário para a causa como ela, embora ambos esperassem o sinal, o sonho, a visão que deixaria tudo claro e os poria no caminho correto.

— O tempo está se aproximando, minha senhora. — disse Sinuhé, tocando a manga de sua capa.

Ela inclinou a cabeça, preparando-se para passar junto a ele para o tablado. Ele a deteve.

— Ainda está preocupada. — disse — Erskine procurou você outra vez?

— Não. Estou bem.

— Contudo, suas visões permanecem nubladas. A deusa diz que Sutekh se levantou. Devemos saber como proceder.

Ela arrancou a manga do seu aperto.

— Como diz, o momento se aproxima.

— Conheço uma mulher, — disse — que possivelmente nos ajude.

— Uma mulher?

— Uma mística que vê no passado e no futuro. Se alguém pode encontrar o verdadeiro significado detrás do que experimentou, é ela.

— Acredita que é sábio confiar em um forasteiro?

— Como disse, conheço-a muito bem. Seu caminho não é o nosso, mas, também, será necessária quando começar a batalha.

Tameri não podia convocar nenhum argumento contra a proposta de Alastair. Uma vez se contentou esperando por respostas, mas agora entendia o verdadeiro perigo de tais atrasos. Não devia tentar algo para encontrar o seguinte passo, o caminho que poria a Grande Batalha em movimento e esclareceria sua posição nela? Contudo ela só era mortal, e os mortais podiam cair facilmente.

— Muito bem. — disse — Encontrarei-me com ela e decidirei se for digna. Onde se encontra essa “mística”?

— Não longe daqui. — disse ele, o calor da aprovação em sua voz — Levarei-te depois da cerimônia.

Ele aceitou sua capa, inclinando-se e ela se moveu para ficar ao lado de Aset, elevando as mãos enquanto começava o cântico.

Os outros se uniram a eles, suas vozes se sobrepõem as paredes como ondas suaves.

“Nós vos louvamos, Aset, a Grande, Senhora do Céu, Amante e Rainha dos Deuses.

Você é a Primeira Esposa Real de Osíris.

O Búfalo, O Leão que derroca todos seus inimigos, o Senhor e dirigente da Eternidade.”

Não havia temor, nem cólera. Só paz nesse lugar, onde as oferendas florais emitiam seu doce aroma e o próximo conflito parecia tão longínquo. Tão longínquo como as vozes dos sacerdotes que a conduziram ao interior da tumba, pronunciando suas últimas bênçãos quando ela se afundou na escuridão, o soldado a seu lado.

Sua voz vacilou. Os coroinhas se calaram. O ar ficou denso, como se alguém tivesse fechado todas as janelas e tivesse enchido a sala com fumaça nociva.

Ofegando, Tameri se voltou afastando-se da sorridente deusa. Sua sandália deslizou-se sobre a borda do tablado. Sinuhé a agarrou quando caía e a depositou no chão.



Susan Krinard  
Antologia Coração da Escuridão  
A Dama do Nilo

— Mhotep! — gritou ele.

Tameri tossiu e abriu os olhos.

— Não há... Necessidade de um doutor.

Mas seus protestos foram ignorados. Mhotep, conhecido no mundo fora dessas paredes como o Dr. Thomas Newton, ajoelhou-se para examinar Tameri enquanto a ansiosa congregação observava. Fez-lhe uma série de perguntas, tomou o pulso e disse que não podia encontrar nada mal.

— Não há nada de errado comigo. — disse Tameri, sentando-se. Tomou várias lentas e cuidadosas respirações e sorriu — Só estou um pouco cansada.

— Ela deve descansar mais. — disse Mhotep com firmeza.

— Estou de acordo. — disse Sinuhé — Encarregarei-me de que o faça.

Mhotep assentiu, inclinando-se para Tameri e deixando-os sozinhos.

— Vejo quanto deseja negar-te a isso, — disse Sinuhé — mas deve pensar não só em você mesma, senão em todos os que estão nesta sala e nosso longo propósito. Liderará-nos em nome de Aset. Ela só pode atuar através de você.

Tameri liberou-se do apoio de seus braços.

— Possivelmente não sou a única.

— É. Mas o estresse do seu fardo tem tomado seu pedágio. Devemos procurar ajuda onde quer que possamos encontrá-la. — ajudou a levantar-se — Iremos à minha amiga imediatamente.

Sim. Qualquer coisa, o que fosse que pudesse pôr fim a este limbo. Voltou-se para dirigir-se à congregação com palavras de fôlego. Sinuhé lhes recordou que Lady Tameri tinha muitas cargas e deveres para atender.

— Vamos. — disse, tomando de novo seu braço. Ela podia cheirar a essência de sua pele, o aroma da ardente areia e o implacável calor. Não como Leo, que cheirava a sândalo, a rica terra e coisas cada vez maiores.

Nunca o veria outra vez.

Leo se agachou ante a janela suja, observando a cerimônia enquanto suas pernas tinham câibras e os dedos se intumesciam ainda mais.

Sentia-o pelo papiro como o havia feito tantas vezes durante os dias passados, como se pudesse ser que ainda divulgasse seus segredos. Mas as palavras que não podia ler seguiam sendo incompreensível, o significado estava além de seu alcance.

Como Tameri estava. Fazia três noites, ela tinha deixado seu desgosto por ele claro – e sua preferência por Boyd – bastante clara. Havia dito coisas a si mesmo: que se desculparia sinceramente e humildemente pela liberdade que tomou com ela no Museu; que tinha que admitir quão longe tinha caído seu ceticismo, e quanto necessitava sua ajuda para desentranhar os segredos do papiro que ela encontrou; e sobre tudo, a faria ver que Boyd era um vilão, embora não tivesse nenhuma evidência para apoiar esse processo.

Em vez disso aqui estava, arrastando-se detrás dela como um chacal. Observando os rituais que não significavam nada para seus olhos.

Foi testemunha deles uma vez antes. Foi parte deles.

Mas ainda não acreditava. Ainda não. Não até que olhasse aos olhos de Tameri e visse outra vez o que tinha visto neles.

Levantou-se, tentando esticar as pernas e inclinar-se mais perto da janela. Tameri estava retrocedendo no tablado. Caindo. O homem que a agarrou, curvado e coberto com uma pele de



Susan Krinard  
Antologia Coração da Escuridão  
A Dama do Nilo

leopardo, murmurou-lhe ao ouvido. Leo se esticou. Não podia ver o rosto do homem, mas havia intimidade em sua postura, no toque do sacerdote.

Passaram uma dúzia de segundos antes que o próprio Leo sentisse a si mesmo novamente sob controle. Controle que pendia de um fio.

Ela é minha.

Luz brilhante tragada pela escuridão. A melosa essência de sua pele. Seus gemidos quando lhe separou as coxas...

O rugido nos ouvidos o venceu, e por um momento não viu nada. Sua testa topou-se contra o cristal e abriu os olhos.

Tameri tinha ido embora, e o sacerdote também.

Leo ficou em pé. Não o movia nada parecido à racionalidade; era todo emoção e instintos, e temor. Correu à frente do edifício, abrindo a porta de um puxão e encontrando um estreito corredor que levava a umas escadas. A porta na parte inferior estava fechada. Ele bateu repetidamente até que alguém respondeu.

O homem estava vestido em uma leve túnica de linho, calças longas e usava um longo colar de ouro. Olhou a Leo com um assustado olhar e vacilou o bastante para que Leo o empurrasse ao passar.

A ressonante sala tinha sido decorada com pinturas Egípcias nas paredes e falsas colunas, tudo dominado pela enorme deusa de pedra sobre o tablado. Uma dúzia de rostos se voltou para Leo; o homem que lhe tinha aberto a porta correu atrás dele, suas sandálias deslizando-se sobre o frio chão de cimento.

— Senhor! — gritou.

Leo o ignorou.

— Onde ela está? — exigiu ao homem mais próximo que encontrou.

O companheiro ofegou.

— Quem?

— Tameri! Aonde foi?

Uma mulher com serenas e lindas feições, os olhos perfilados com o Kohl, aproximou-se de Leo cautelosamente.

— Por que a busca?

— Ela está em perigo.

Intercambiaram olhares de incerteza, e vários outros devotos se reuniram ao redor de Leo.

— Ela não está em perigo. — disse o homem da porta — Está com nosso...

Leo viu vários homens e mulheres desaparecendo detrás da estátua e correu atrás deles. Uma pequena porta conduzia diretamente ao exterior. Leo alcançou ao grupo diante dele e agarrou a um dos homens pelo braço.

— Aonde foram? Tameri e Boyd?

— Não sei. — balbuciou o homem.

Amaldiçoando em voz baixa, fechou os olhos. Era impossível que soubesse que direção Tameri e Boyd tinham tomado, mas suas emoções continuavam evitando seu cérebro geralmente confiável. Optou pelo leste, passando por ruas que eram cada vez de pior reputação à medida que avançava.

Os largos edifícios se elevavam dispersos entre os becos cheios de imundície, e homens com olhos sombreados o olhavam enquanto passava. A escolha só o levou a uma esquina bem a tempo de ver uma figura encapuzada transpassar a soleira em um extremo de um estreito beco. Ele levou



Susan Krinard  
Antologia Coração da Escuridão  
A Dama do Nilo

o seu tempo enquanto se aproximava do prédio decrepito, no qual pendia um quase ilegível letreiro que fazia publicidade sobre as habilidades de um adivinho.

Leo empurrou a ruidosa porta e se agarrou passando sob uma rasgada cortina. O aroma do incenso derramou sobre ele. Uma mulher permanecia na sala escura e fechada, fazendo frente à porta como se tivesse esperado um visitante.

— Bem-vindo. — disse a mulher com uma lisa e profunda voz que levava os acentos desta zona — Veio conhecer seu futuro.

Embelezada com um vestido de seda negra que combinava com seu cabelo, a mulher poderia ter detido a qualquer homem no ato. Não era tão formosa como Tameri, mas nem sequer Leo era completamente imune ao seu sensual encanto.

— Um homem e uma mulher entraram aqui. — disse ele.

Ela arqueou as perfeitamente formadas sobrancelhas.

— Você é o primeiro que vi desde o pôr do sol. — disse ela — Não se sentará?

— Não tenho tempo. — disse agudamente. Moveu-se à parte posterior do quarto, coberto igual às outras paredes em um estampado de caxemira vermelho.

— Detenha-se. Não tem direito. — ela se aproximou e lhe pôs a mão no braço.

— Sei que ela está aqui.

Capturou seus olhos com os próprios.

— Possivelmente possa lhe dizer o que precisa saber.

Agarrou-lhe o pulso.

— Diga-me isso já.

Seu corpo se esticou.

— Você não é o que parece.

— Sou um homem que lhe pode causar muitos problemas se não me disser a verdade.

A mulher ofegou.

— Ele não sabe. — sussurrou ela, como para si mesma — Devo...

— Ele? Boyd?

Retrocedendo, tentou liberar-se de seu apertão.

— Eu só sei o que ele me disse. Por Sekhmet, juro-o.

Os incoerentes temores de Leo adquiriram uma forma espantosa.

— Onde ela está?

Ela caiu de joelhos.

— Disse a ela que eu podia olhar em sua alma e levantar o véu que evitava que visse a verdade. Não o obtive, e partiram.

— O que Boyd quer dela?

Os escuros olhos da adivinha perderam seu enfoque.

— Esta é a Antiga Batalha. — disse ela — A batalha que nunca se termina.

Nesse outro lugar, na escuridão de uma tumba, aquele chamado Maahes tinha pensado em uniões eternas, da longa batalha contra o Mal Primitivo. Leo descartou o pensamento.

— Chega de adivinhações! — grunhiu — Aonde a levou?

— Não sei.

— Por Deus, se a ela sofrer algum dano... — retorceu o braço da mulher e ela ofegou.

— Ele me matará! — gritou.

Alguma inominável energia dentro dele transformou seus passados fragmentos de paciência em crueldade.



Susan Krinard  
Antologia Coração da Escuridão  
A Dama do Nilo

— Escolha. — disse.

Ela encontrou seus olhos, e o que viu neles rompeu sua última resistência.

— Ele disse que a levaria por trem a Marselha e daí de navio ao Egito.

Egito.

— Ela não ia por própria vontade. —disse asperamente — Disse-lhe que devia ir imediatamente à Terra Escura. Ela o rejeitou. — a mulher estremeceu — Ninguém o rejeita.

— Nem sequer uma deusa?

As palavras não tinham sentido nem sequer para ele e ainda soavam verdadeiras. Aset havia inclusive demonstrado orgulho e valentia contra o deus do Caos. E ela devia fazê-lo agora...

A breve distração de Leo deu à mulher a oportunidade que esteve esperando. Libertou-se e lançou-se para a porta principal. Ele se moveu com desumana velocidade e a bloqueou.

— Tema-me. — disse ele.

— Faço-o. — sussurrou ela, caindo outra vez de joelhos — O faço, oh, Senhor da Eternidade.

Ele baixou o olhar a esta mulher mortal com desprezo por sua patética devoção ao Mal Primitivo a que servia.

— Virá comigo ao trem. Ajudará-me a encontrá-los.

— Sim.

— Prepare-se.

Ela se levantou, uma onda de cabelo negro caía por seu rosto enquanto se movia através da cortina próxima à porta. Ele não se incomodou em segui-la. Agora não se atreveria a lhe desafiar.

O aroma de incenso se fez mais evidente em seu nariz. Voltou para a porta principal e se inclinou contra a ombreira, sua mente meio nublada e repentinamente espessa com a confusão.

Ar. Tropeçou saindo pela porta e entrou na rua fétida. Uma sombra se moveu da parede e a dor explodiu em seu crânio.

E então já não soube mais.



### Capítulo Sete

O mundo se tornou focalizável novamente.

Tameri olhou fixamente ao teto, desconcertada pelo movimento que sentia sob o corpo. A superfície sobre a qual repousava era bastante sólida, cheia, mas firme. Tentou elevar os braços e os encontrou amarrados com um cordão de seda.

Tentou recordar. O abrigo da mulher. Seu olhar felino a observava fixamente quando Boyd a apresentou a Tameri. O estranho perfume lhe havia feito sentir-se enjoada. Mãos que a seguravam, vozes...

Uma dolorosa cãibra oprimiu-lhe o estômago. Girou de lado, inclinando a cabeça sobre a borda do sofá. A bílis se elevava em sua garganta.

— Não tema, milady, passará.

Ela obrigou-se a respirar e endireitar-se. Boyd estava sentado em um banco recoberto de veludo, contemplando-a com um débil sorriso e sem nenhuma preocupação absolutamente. Seu coração se contraiu em uma pequena e gelada pedra.

— Onde estamos? — perguntou ela.

— Não subiu em um trem antes? — ele cruzou as pernas e estendeu a mão para o casaco para pegar um maço de cigarros — Parece indisposta, Tameri. Deveria saber que eu tenho feito de tudo para garantir o seu conforto... O mais privado dos vagões privados, completo com cada luxo que uma dama possa desejar.

Ela lutou para sentar-se.

— Conforto? — repetiu ela, levantando suas mãos amarradas.

— Ah, sim. — considerando o cigarro apagado com uma leve carranca — Possivelmente isso não seja necessário. Mas é convenientemente imprevisível, minha senhora. De repente você pode desenvolver certas... Habilidades que talvez surpreendam a ambos.

O vagão deu uma sacudida quando o trem encontrou um lance desigual na via. Tameri saboreou algo mais que o enjoo na parte posterior da língua.

Tinha sido drogada. Boyd a drogou. Tinha sido sequestrada.

— O que quer? — perguntou, esforçando-se por manter a calma — Por que está fazendo isto?

— Já conhece parte da história. — disse ele, liberando uma nuvem de fumaça no congestionado vagão — Sempre foi seu desejo ir ao Egito. Agora conseguirá seu desejo.

— Está me levando contra minha vontade!

— Se tivesse pensado que seria mais maleável, teria utilizado simples persuasão. Mas sua relação com Leo Erskine despertou dúvidas em sua mente. Foi muito estúpido de sua parte o de chegasse a envolver-se com um forasteiro, Tameri.

— Eu não estou envolvida com ele! — comprovou seus laços e os encontrou inflexíveis — É por ciúmes, Alastair? Não pode ter ido tão longe, simplesmente por...





Susan Krinard  
Antologia Coração da Escuridão  
A Dama do Nilo

— Ciúmes? De um simples mortal?

Suas mãos começaram a intumescer-se. Ela falou com grande cuidado.

— Nós, os que obedecemos a Aset, sabemos que estamos destinados a ajudar aos Bons deuses a lutar com o deus das Tormentas, mas certamente não acreditará que nós mesmos não somos mais que mortais.

— Ah, não? — acabou seu cigarro e o atirou ao tapete — Você mesma foi possuída por Aset em mais de uma ocasião.

E o tinha sido. Mesmo aqui, neste momento extremo, recordava completamente a vez em Maye House, e a outra no Museu, quando tinha visto em Leo não só a um soldado chamado Maahes, mas também a um deus. Quando ela mesma se converteu em deusa.

— Como poderia saber tal coisa? — exigiu ela.

Ele suspirou igual a um professor de escola aborrecido de um aluno particularmente estúpido.

— Vi Aset de pé ante mim em seu salão, jogando Erskine de sua presença.

— Isso não foi...

— Eu o reconheci, pois aconteceu comigo, minha querida. Salvo que eu deixei minha existência mortal atrás para sempre.

— Você é Sinuhé, um sacerdote de Aset!

— Faz tempo. Muito tempo antes desta encarnação. Antes que ele me encontrasse vagando no deserto e preservasse meu corpo para seu uso.

O intumescimento se estendeu através de todo o corpo de Tameri.

— Quem é você?

Ele sorriu, e havia muitos dentes, uma boca muito larga e uns olhos muito vermelhos.

— Não sabe Princesa? Sou seu inimigo.

Sutekh.

Não valia de nada lutar, mas Tameri brigou até que Boyd - o deus do Caos - trouxe frente a ela uma taça e forçou o pestilento conteúdo em sua boca. Seus pensamentos finais estavam em Leo, e em quão estúpida tinha sido ao afastar-lhe.

Foi o ruído o que despertou Leo, a fricção das botas e os corpos ao seu redor. Tentou sentar-se, mas as vertigens e as náuseas o obrigaram a deitar-se de novo. Sua visão incerta localizou possivelmente, a meia dúzia de homens, quatro dos quais lhe pareciam vagamente familiares a seus olhos doloridos. Os outros dois eram rechonchudos e estavam armados com facas e paus, os quais tentavam utilizar contra seus oponentes.

Por um momento, Leo esteve perdido na confusão. Recordava falar com a adivinha, e ouvir sua confissão sobre o rapto.

— A Antiga Guerra. — havia dito ela.

Isso foi a última coisa que ouviu com clareza. O resto era como um sonho, como se não tivesse controle de seu próprio corpo. Havia dito algo sobre um trem em Marselha, com o Egito como destino final. Ele ameaçou à mulher. E então...

Leo alcançou dentro de si, aferrando-se à base da determinação e a força na qual tinha crédulo em muitas difíceis situações. Tinha mais que estímulo para isso. Um ataque de pura e quente energia surgiu através de seu corpo, pondo-o em pé. Carregou contra o da faca mais próxima, afastando a arma do homem de um golpe com uma parte de sua mão. O homem grunhiu em surpresa quando o sentiu. Alguém gritou; o outro rufião voou passando por Leo, seguido por



Susan Krinard  
Antologia Coração da Escuridão  
A Dama do Nilo

três dos homens meio familiares.

O companheiro do que Leo chutou tentou levantar-se, e Leo bateu-lhe no pulso, quase sentindo prazer com o uivo de dor do homem. O inominável poder corria através de suas veias, acendendo-se com a alegria do triunfo sobre seus inimigos.

— Sr. Erskine?

Ele se voltou para o proprietário da voz vacilante, que soube imediatamente que era um dos devotos no templo do armazém. O cavalheiro de cabelo grisalho se pôs uma capa sobre seu adorno egípcio, mas era evidente que ele e seus companheiros tinham vindo diretamente do armazém.

— Eles estavam tentando matá-lo. — disse o homem, ainda ofegando por seus esforços — Chegamos bem a tempo.

A cabeça de Leo começou a clarear novamente.

— Seguiram-me?

O homem jogou uma olhada a seus companheiros, que se reuniram ao redor dele.

— Sabíamos que estava seguindo à princesa. Era necessário que descobríssemos seu propósito para persegui-la.

A cólera e o triunfo o abandonaram em um instante.

— Ela me fez algo. — disse — A mulher da loja.

Outra troca de olhares.

— Eu sou o Dr. Thomas Newton. — disse o cavalheiro grisalho — Quem é essa mulher da qual fala?

Leo sacudiu a cabeça, fazendo todo o possível por desatender a selvagem dor no interior de seu crânio.

— Não há tempo para explicações. Tameri foi sequestrada.

— Sequestrada? — repetiu Newton — O que quer dizer?

— Por Boyd. — disse Leo — Ela está sendo levada para o Egito.

Quatro dos homens exclamaram em uníssono.

— Mas certamente... — Newton balbuciou — Sinuhé não teria razão...

— A Antiga Batalha. — citou Leo — A Guerra que nunca termina.

— Pelo Olho de Rá. — disse Newton com voz estrangulada — Isso é possível?

— Não sei o que é possível, — disse Leo — mas vou atrás dela. — ouviu revolver-se ao bruto rufião e deu-lhe um chute com o calcanhar da bota nele — Encarreguem-se desses homens, e ocupem-se de que não me sigam.

Newton olhou Leo fixamente nos olhos.

— Sinuhé não é quem dizia ser. — disse ele lentamente — Nem você tampouco.

— Não sei de que está você falando.

— Não sabe?

— Não tenho tempo! — estalou Leo — Quase amanheceu. Devo encontrar a mulher sábia.

Ele passou por cima do corpo gemendo do vândalo e pôs-se a correr, procurando algum sinal familiar. Mas se a loja da vidente estava em algum lado da vizinhança, provavelmente a mulher retirou qualquer sinal ou marca que pudesse identificá-la. Deteve-se em uma rua que parecia outra igual naquela colônia, respirando com dificuldade.

Um trem que limitava com Marselha. Isso é tudo o que sabia. Teria que ser o suficiente.

Dois dos seguidores de Aset alcançou-o, respirando tão precariamente como ele.

— Os bandidos estão presos. — disse Newton, apoiando as mãos nos joelhos — O que quer



Susan Krinard  
Antologia Coração da Escuridão  
A Dama do Nilo

que façamos?

— Nada. — vacilou Leo — Se tiver algum dinheiro, dê-me. Necessitarei para a passagem.

— Não temos nada conosco. — disse Newton — Se retornar comigo a minha casa...

— Eu tenho um pouco de dinheiro. Vá imediatamente a St. John, Conde de Donnington, peça para ele em meu nome para que envie quinhentas libras a minha conta do Banco da França, em Paris.

— Certamente, se Boyd é quem você diz, não deveria ir sozinho.

— Devo fazê-lo.

Leo aferiu a direção do nascer do sol e virou-se para o oeste, se preparando para mais uma corrida difícil.

— Grande Asar! — Newton chamou atrás dele.

A palavra foi como uma corda de seda ao redor do pescoço de Leo, detendo-o de repente.

— Eu não tenho nada a ver com seus deuses. — disse ele — Rogue para que tenham mais habilidade para proteger aos seus do que têm mostrado até agora.

Newton não fez nenhuma outra tentativa de detê-lo, e correu até que saiu do subúrbio e pôde conseguir alugar um carro de cavalos que o levasse à Estação Vitória.

Ninguém ali podia se lembrar de uma senhora bonita de cabelo escuro acompanhado por um cavalheiro bonito de tez bronzeada, e Leo não encontrou muito mais ajuda em Dover. Cruzou o Canal, recolheu seu dinheiro em Paris e comprou bilhetes para o próximo trem que partia da cidade de Marselha. Justo antes de sua partida, encontrou a um vendedor na estação que conhecia à descrição das pessoas que procurava.

Pelo menos, não estava muito longe deles. Mas uma vez que Boyd e Tameri alcançaram Marselha, o rastro pareceu esfriar-se rapidamente.

A viagem não conseguiu outra coisa salvo chatear a Leo. Não podia sentar-se mais que uns poucos minutos de uma vez, e caminhava pelo corredor de seu vagão particular, de dia ou noite. Uma vez em Marselha, Leo procurou um velho conhecido, um certo Bébert, que em uma ocasião havia provido a Leo de certos artigos incomuns que um Agente Britânico, arqueólogo e aventureiro podia requerer em seu trabalho. Bébert enviou seus próprios agentes para rastrear a cidade, inquirindo em hotéis, bilheteiras e cais, mas era como se Boyd nunca tivesse estado ali. Só quando Leo embarcou em um navio para cruzar o mediterrâneo foi quando o mesmo Bébert entrou em contato com ele para lhe avisar de que vários vilões turcos tinham tentado sequestrar a uma linda mulher de olhos verdes do cavalheiro com escuro cabelo vermelho, encontrando-se com um final feio em Vieux Port.

Ninguém tinha sido capaz de ver Boyd ou Tameri. Leo sabia que não podia atrasar-se em Marselha. Teria que assumir que Boyd havia embarcado em um barco para o Egito.

A viagem até o Egito transcorreu sem incidentes, e Leo desembarcou em Alexandria, respirando os aromas fortes e férteis do delta. Depois de perguntar aos trabalhadores portuários, pegou um trem ao Cairo e foi diretamente ao hotel de Shepherd, onde averiguou pelos vendedores de oportunidades que Boyd esteve ali com Tameri. Ninguém se registrou. Os outros hotéis populares com turistas europeus estavam igualmente isentos de pistas.

Mas Leo não estava sem recursos. Fez muitos contatos confiáveis no Cairo ao longo dos anos, e agora os chamou. Homens que conheciam cada beco da cidade estavam ansiosos por aceitar seu dinheiro. Comerciantes e vendedores foram recrutados para procurar o casal, e Leo continuou procurando por si mesmo.

Dois dias depois de sua chegada, seus esforços finalmente deram frutos. Um homem de



Susan Krinard  
Antologia Coração da Escuridão  
A Dama do Nilo

reputação duvidosa, que em mais de uma ocasião dirigisse a Leo a quão contrabandistas tentavam vender Antiguidades Egípcias no mercado negro, ouviu de dois europeus que tinham embarcado em um navio pelo Nilo.

— Disseram-me que o obscuro *Inglizi* e a linda *sayyida* desceram em Luxor. — disse Abbas, jogando uma nervosa olhada por cima de seu ombro — Mas o homem com o qual falei não disse mais. Estava muito assustado.

— Assustado por quê? — perguntou Leo.

— Não o disse.

Nem Abbas tampouco insistiria. Leo sentia que ele também estava assustado.

Mas do que? Boyd era só um homem, e embora, igual a Leo, tivesse experiência no Egito, não tinha realmente poder para ameaçar a ninguém.

E ainda...

— Irá me matará. — havia dito a vidente, justo antes que Leo tivesse caído no sono — Ninguém lhe diz não.

Quem diabos era ele?

— Consiga passagem para mim no próximo trem e avise minha volta ao hotel. Terá duas vezes mais do que já lhe dei.

Abbas duvidou, mas finalmente concordou. Leo tomou suas próprias medidas, equipando-se para qualquer eventualidade que pudesse imaginar. Comprou uma boa pistola e uma seleção de facas, as quais levava ocultas em suas roupas e botas.

Abbas retornou ao cair da noite, informando a Leo que o trem - entroncado em Asyut, a 376 quilômetros ao sul de Cairo - sairia na manhã seguinte. Uma vez em Asyut, Leo alugaria um navio para levá-lo pelo resto do caminho até Luxor. Essa era uma viagem com a qual Leo estava muito familiarizado. E quando chegasse a Luxor...

De uma forma ou de outra, não era provável que Boyd sobrevivesse ao seu próximo encontro.



### Capítulo Oito

A inconsciência veio e se foi oscilando como uma vela em flashes de luz e escuridão. Tameri teve visões fugazes de trens e ruas movimentadas, os barcos e o balanço das ondas, uma multidão repleta de humanidade que pairava sobre ela em uma cidade estranha. Sentiu o calor escaldante no rosto e o frio profundo da sombra.

E sempre estava sendo movida, levada ou forçada a seguir adiante por mãos desagradáveis. Algumas vezes outras vozes falavam, frequentemente em línguas estranhas, palavras tingidas de medo. Tameri não teve oportunidade de gritar por ajuda; logo que ele pensava que havia recuperado a consciência, desvanecia-se de novo.

Finalmente houve um momento quando todo o constante movimento se deteve. Tameri oscilou por um momento na borda do despertar, esperando que tivesse mudado algo que sua mente desconcertada não era capaz de captar.

Acorde.

Ela abriu os olhos para encontrar-se com a escuridão. Um grito se formou na garganta, tão instintivo como o lamento de um menino abandonado.

Ninguém veio por ela. Permanecia estendida, rígida sobre uma incômoda superfície e tentou ouvir mais à frente do rugido do pulsar de seu coração.

Vozes, gotejando em uma contínua cascata de som. Cânticos. Palavras que eram meio familiares.

Por que as tinha ouvido antes.

Seus olhos se ajustaram lentamente, e percebeu que a escuridão era em sua própria mente. A câmara estava iluminada por um par de abajures que faziam que as sombras saltassem e dançassem. Ela puxou os laços... Macios e de seda, como se quem a houvesse feito prisioneira quisesse preservar sua delicada pele. O vestido era pouco mais que uma fibra do mais fino linho, mais enrugado, o colar uma trança de linho e grãos de ouro.

Uma tumba. Estava em uma tumba. Mas ali não havia banquete algum, nem móveis debruados com ébano, marfim e ouro.

E não havia um Maahes que segurasse sua mão, dando-lhe coragem contra o esquecimento.

Oh, meu amor...

Obrigou a si mesma a examinar a câmara mais de perto. Estava estendida em um sofá que era pouco mais que um banco de madeira. As paredes estavam pintadas como recordava... Mas havia algo que estava errado. Alguns dos afrescos estavam danificados. Não, deliberadamente desfigurados. E sobre eles tinham sido postas as pinturas de um deus, um deus com um focinho inclinado e orelhas largas e apertadas.

Não era possível. Não podia estar acontecendo outra vez. Aset lhe tinha mostrado a verdade antes disso.

Mas não era Aset quem o havia dito. Era Boyd, cujos olhos carmesins brilhavam e cujos dentes cintilavam iguais aos de um animal.

— Aceitou-o no final, Tameri? — disse Boyd, passeando-se pela câmara como se fossem seus domínios privados — Sabe quem sou?

Ela o olhou com novos olhos... Seu cabelo escuro vermelho sangue, a cor de Sutekh, e a bronzeada pele que se tornou mais pálida apesar do tempo transcorrido na Inglaterra. Desafiando



Susan Krinard  
Antologia Coração da Escuridão  
A Dama do Nilo

cada sensação natural, a coragem de Tameri retornou. Este era seu inimigo. O inimigo que sabia que deveria enfrentar em algum momento.

Agora, o momento chegou.

— Quando aconteceu? — respondeu calmamente — Quando tomou Sutekh?

— Ele me salvou. — disse Boyd inclinando-se ocasionalmente contra a parede ao lado da pesada porta de pedra — Estava perdido no deserto, e me deu uma opção. Morrer lenta e terrivelmente, ou viver como um deus.

— Um deus do Mal.

— Sou-o? — suspirou e negou com a cabeça — Os mortais confundem frequentemente o caos com o mal.

— Você deseja mais que o caos, Sutekh. Deseja governar o mundo e fazê-lo a sua imagem.

Ele inclinou a cabeça.

— Ah. A deusa fala.

Tameri sentiu um deslocamento, como se seu corpo tivesse sido movido sem realmente se mover. Aset. Ela recordava tantas coisas, agora que era muito tarde.

— Recorda do fim? — ronronou Sutekh — Como você se entregou aos sacerdotes para que Aset renascesse neste novo mundo?

Oh, sim. Tudo isso era verdade, cada parte do passado até o último de uma visão mais terrível.

— O simples soldado, Maahes, de pé ao seu lado, pensando que nunca poderia ser seu igual. — continuou Sutekh — Ele, convertido em Asar. Seu companheiro. Possivelmente foi sua profunda indignação o que acabou com sua inútil tentativa de me deter.

— Detivemos-lhe. — disse Tameri, encontrando seu ardente olhar — Esteve impotente estes milhares de anos.

— Impotente? — Sutekh descobriu os dentes — Pensa-o de novo, Grande da Magia. Quem foi que matou Maahes com o veneno do escorpião? Quem selou você na tumba para ser enterrada viva?

Tameri se afundou no passado. Ela estava de novo com Maahes, e ele estava a ponto de entrar nela, para reclamá-la para si mesmo e para seu deus. Mas uma sombra havia pairado na tumba. Maahes gritou e caiu no sofá. Tameri se ajoelhou ao seu lado e o observou morrer.

— Então, supôs que você morreria muito mais lentamente? — perguntou Sutekh — Que a porta se fecharia, sem abrir-se alguma outra vez, e que Aset abandonaria você para que asfixiasse?

Tameri se sentiu começando a ofegar por respiração, como se as paredes derrubassem-se ao seu redor.

— Aset... Ela não o fez...

— Deixou você porque não tinha poder para salvá-la. Como não o tem agora. — seus dentes cintilaram — Sabia que tinha escolhido você novamente, Tameri. Sabia que se aproximava o momento em que convocaria para te sacrificar como já o fez antes.

— Por que Sutekh entrou de novo no mundo.

— E desta vez vou realizar minha vontade sem que ninguém me pare. — elevou os braços — Quando matar seus avatares mortais, minha antiga inimizade, destruirei sua esperança de se reunirem. Agora o farei outra vez!

A risada de Tameri era pouco mais que uma brisa, mas apagou a expressão triunfante no rosto de Sutekh.



Susan Krinard  
Antologia Coração da Escuridão  
A Dama do Nilo

— Esqueceu uma coisa. — disse — Há outro que deveria ter tido em conta para completar seus planos. Que seria Asar. Onde está?

— Você sabe, não é certo? — vaiou Sutekh — Sabe quem é ele. Como suspeitei desde a primeira vez que ele veio a sua casa.

Como um extenso redemoinho de areia abrasadora que soprava através do deserto, o desespero varreu através da alma de Tameri.

— O soldado assim chamado pelo deus Leão renasceu em outro leão. — disse Sutekh, a voz densa pela satisfação — Mas ele não recordava, verdade? O instinto só o guiou em sua defesa. Uma pena que nunca completasse a grande parte que lhe tocava jogar.

Ao princípio Tameri apenas lhe ouviu. Ela estava pensando em Leo... Na estranha atração que sentiu no dia da reunião no Museu depois da leitura. De quão profundos se tornaram aqueles sentimentos. E do sonho que tinham compartilhado na câmara couraçada do museu.

Ela e Leo tinham ido juntos ali, igual aos seus antigos o haviam feito nesta mesma tumba. Eles quase completaram o vínculo que teria trazido Aset e Assar de retorno ao mundo para lutar com o deus do Caos.

Se Leo tivesse reconhecido a verdade. Se só tivesse tido menos medo. Se só o tivesse visto.

Uma pena que nunca completasse a grande parte que lhe tocava jogar...

Tameri sentou erguida no sofá, empurrando os laços com tanta força que as cordas gemeram.

— Onde está ele?

— Ai. — disse Sutekh, olhando-a como um escaravelho de esterco ocupado em seus trabalhos — Encontrou-se com um desafortunado acidente quando tentou nos seguir depois da cerimônia.

Tameri amorteceu um grito de angústia.

— Mentira! — gritou, lutando por levantar do sofá.

— Eu minto quando isso se adapta ao meu propósito. — disse — Assim não tenho nada que ganhar fazendo-o agora. Está morto, e você me servirá padecendo a última morte e fechando a porta a Aset para sempre.

O dia era brutalmente quente, e o vento levantava pó e areia aos olhos de Leo em cada passo que dava.

O Nilo estava agora bem atrás deles, ele e seu pouco disposto companheiro. O sol não tinha alcançado ainda seu ponto mais quente, e, contudo parecia como se nunca tivesse havido água nas mil milhas desse vale afastado das escavações, abandonado ao implacável sol do verão.

Ali descansavam centenas de tumbas, o descanso final de reis e rainhas, príncipes e cortesãos. Uma vez nas câmaras, cortadas profundamente no interior das colinas, tinham sido depositados tesouros quase mais à frente do conceito moderno. Mas tinham existido ladrões mesmo nos tempos dos faraós, homens que tinham estado dispostos a arriscar-se à maldição dos deuses roubando o que pertencia aos filhos dos deuses.

Após, os aventureiros tinham atacado regularmente as tumbas, deixando escombros e silêncio a sua esteira. Só nos últimos cinquenta anos chegaram os verdadeiros arqueólogos, estudiosos mais interessados em descobrir os segredos do passado que na riqueza que pudessem obter. Alguns diziam que todas as tumbas tinham sido descobertas, todas as riquezas tomadas e todos os segredos revelados.

Leo não acreditou. Sabia que essas colinas e escarpados continham muito mais que o mais



dedicado dos cientista poderia imaginar.

Quando chegou a Luxor, tinha encontrado a cidade vazia de turistas. Nenhum dos nativos admitiu ter visto o *Inglizi*. Cada instinto dizia a Leo que Boyd chegou a Luxor por uma razão: ia levar Tameri ao Vale dos Reis.

Leo não tinha mais aonde ir. Ainda não tinha ideia do que Boyd queria dela. Só tinha os sonhos que tinha tentado negar, as palavras que tinham saído de sua boca, o pergaminho. Mas ainda não decifrava a última parte. A parte que tão desesperadamente precisava entender.

Em sua primeira noite em Luxor, depois de ter encontrado uma balsa para atravessar o Nilo e um moço com um burro para lhe acompanhar ao Vale, estendeu-se na cama no hotel de Luxor e se deixou levar pelo sono. O sonho de si mesmo e Tameri em uma irrepreensível tumba, decorada com estátuas de ouro e mobiliário colocado para o próprio Faraó.

Ali, sobre os muros, a história de Aset, Asar e Sutekh se plasmavam como se acontecesse tudo de novo. Sutekh foi vencido. Por um tempo.

Mas se levantou outra vez. E só os dois que lutaram antes contra ele poderiam lhe deter quando retornasse.

Leo limpou a areia dos lábios com o dorso da mão. O pergaminho ainda descansava em sua jaqueta, contra seu coração. Elevou o olhar para o abrasador céu azul.

Tinha estado nessa tumba. Sabia que existia, sem profanar inclusive agora, oculta detrás de outro corte na face dos escarpados. Ali era onde Boyd havia levado Tameri. Sabia por que seu coração dizia as verdades que sua mente ainda se negava a aceitar.

Boyd advertiu-lhe que se separasse de Tameri a primeira vez que se encontraram em sua sala de estar. A segunda vez desafiou Leo como se fossem inimigos, não rivais interessados pela formosa mulher.

*“Será então aqui?”* Quando Boyd havia dito aquelas palavras, Leo pensou que se referia a uma simples briga. Mas tinha havido mais detrás da pergunta, mais detrás de seus olhos. Algo mais que humano.

Possivelmente o último conde de Elston se tornou louco quando clamou uma existência anterior. Talvez as visões não tivessem sido reais. Mas Tameri não estava louca ou tinha alucinações. Nunca o esteve.

Leo urgiu seu burro a trotar mais rápido. O Vale se dividia em dois ramos, e Leo entrou no leito seco do rio ao leste. Os escarpados vermelhos se elevavam de ambos os lados. Depois de uma breve interrupção enquanto Leo se precavia que o menino e os outros dois burros, junto com os mantimentos que carregavam, já não estavam com ele.

Isso não importava agora. Leo sabia aonde se dirigia. Só podia rogar que Tameri sobrevivesse tempo suficiente para que ele a alcançasse.





Susan Krinard  
Antologia Coração da Escuridão  
A Dama do Nilo

O cântico era profundo e familiar, ecoando na outra câmara além da vista de Tameri. Ela conhecia as palavras, embora fossem de um idioma que não falou em milhares de anos. Era uma chamada a Sutekh, invocando seu poder e amaldiçoando aos deuses Bons.

E falavam sobre um grande sacrifício. Um que só terminaria com a morte eterna.

Sutekh mesmo se foi por horas, deixando Tameri recordando suas ameaças e sentindo a profundidade de sua solidão.

*Leo não está morto.* Só esse pensamento lhe impedia de afundar-se no desespero do qual nunca poderia emergir. Enquanto Leo estivesse vivo, Sutekh não poderia ter êxito.

Tameri puxou suas amarras pela enésima vez, mas Sutekh as tinha enfeitiçado para que aguentassem além de qualquer esforço mortal. Se pudesse deter Sutekh, estaria agradecida de ceder seu corpo e sua alma a Aset. Se finalmente pudesse salvar Leo, morreria com gratidão.

Mas ela entendeu o propósito de Sutekh. Este falou de proibir Aset de retornar ao reino dos mortais para lutar contra ele. Mas Tameri acreditava que tinha a intenção de atrair Aset a essa câmara com truques e estratégias uni-la a Tameri e destruir a ambas.

Era possível tal coisa? Poderia um deus ser destruído? Tameri não se atrevia a arriscar-se. Aset poderia salvá-la se ela quisesse, mas Tameri faria todo o possível para evitar que a deusa se reunisse com ela.

O cântico ficou mais claro quando os sacerdotes se aproximaram da entrada da câmara. Como é que estes homens mantinham sua reverência para com o deus do Caos vivo? Onde eles haviam se escondido para trabalhar em seus sujos planos e rezar pela volta de Sutekh?

— Amaldiçoo-lhes. — disse-lhes, apesar de que sabia que suas maldições eram inúteis. Então, enquanto terminava esse pensamento, o cântico cessou, e Sutekh retornou.

— Tudo está acabado, — disse ele — exceto pela invocação.

— Não deixarei. — disse Tameri, olhando-lhe com toda a ferocidade que pôde reunir.

Ele pôs-se a rir, com seus dentes de serra brilhando.

— Não tem poderes, princesa. Nunca os teve.

Fez um gesto a alguém detrás dele, e dois sacerdotes de cabeça raspada com capas de pele de leopardo e amplos colares se colocaram a cada lado dele. Eles levantaram seus braços enquanto Sutekh começava a falar.

Uma náusea se enrolou na garganta de Tameri. Lutou. Encheu sua mente com seu próprio cântico de desafio. O aroma do incenso a asfixiou. As vozes ressonaram em seus ouvidos.

E Aset veio. Talvez, tinham-na tomado por surpresa. Talvez, Sutekh tinha mascarado sua presença. Entretanto a deusa veio, e encheu Tameri com seu espírito alegre.

— Não tema o que está por chegar, menina. — sussurrou — Sua longa viagem acabou. Tudo é como deve ser...

— Não! — gritou Tameri.

E empurrou com todas as suas forças, lançando à deusa de sua mente.

Uma agonia além de tudo que Tameri nunca havia conhecido se apoderou de seu corpo. Arqueou-se sobre o divã com um grito rouco, e Aset gritou com ela. Os ossos de Tameri se romperam como papel, entretanto, ficou quieta.

Aset se tinha ido, expulsa por quem havia possuído. Mas a deusa estava a salvo. Escapou da armadilha.

Sutekh e os sacerdotes se aproximaram do divã, ignorando que tinham falhado. Um dos sacerdotes a pôs de barriga para cima, enquanto o outro tirava uma malvada faca curvada, com punho de joias e com a forma de besta de Sutekh, retorcido com serpentes com as presas nuas.



Susan Krinard  
Antologia Coração da Escuridão  
A Dama do Nilo

— Nunca me destruirá, irmão de meu marido. — disse Tameri, rezando para falar de maneira convincente — Falhará.

— Seu tempo chegou, Aset. — disse Sutekh. Tinha o rosto deformado e alongado, um focinho crescendo curvo e alto e quadradas orelhas — Agora este é meu mundo.

O sacerdote levantou a faca.

Gritos frenéticos e de alarme lhe detiveram o golpe. Uns disparos os silenciaram. Sutekh girou-se para a porta da câmara.

Leo caiu através dela, com uma arma em cada mão. Disparou aos sacerdotes antes que pudessem dar um só passo em sua direção e apontou ambas as armas a Sutekh.

— Tameri. — disse, sem tirar alguma vez seus olhos do monstro — Está bem?

— Corra, Leo! — gritou ela.

Ignorou-a e avançou até Sutekh.

— Ele foi embora, verdade? — disse-lhe ao deus — Boyd já não existe.

Sutekh mostrou-lhe seus dentes de tubarão.

— Foi de utilidade durante um tempo.

Leo se aproximou do corpo do sacerdote com a faca e enviou com um pontapé a lâmina para longe.

— Tameri, pode levantar?

— Sim. Mas...

— Vai, rápido. O deterei.

— Não te abandonarei!

— É inteligente. — disse Sutekh — Pode ser que tenham matado a meus sacerdotes, mas não é tão singelo encontrar o modo de me eliminar. — levantou uma mão languidamente, e uma espiral de areia cortante passou pela porta até rodear Leo e lhe tirar as armas — Poderia, se quisesse, esfolá-lo vivo. — disse Sutekh — Mas como você sobreviveu, também deve servir antes de morrer.

Com uma velocidade surpreendente, Leo se lançou através da cortina giratória e se jogou sobre Sutekh. Tameri capturou o brilho de uma lâmina justo antes que golpeasse a Sutekh em cheio no peito.

Sutekh uivou. O torvelinho se derrubou. Tameri saltou e atacou o deus por trás, arranhando-lhe as orelhas e a grossa pele-vermelha da cabeça. Ele moveu o braço para trás e a jogou contra a parede.

— Tameri!

A voz era uma que ela conhecia, mas não podia recordar a quem pertencia. Dois homens coincidiram em sua mente. Dois homens e também um terceiro, um que não era um homem de tudo.

Umas fortes mãos agarraram-lhe os ombros, levantando-a, colocando-a sobre seus pés.

— Ele se foi, Tameri. Devemos...

Um calor carmesim explodiu através de suas pálpebras fechadas. Ouviu o golpe do corpo de Leo contra o muro. Ficou junto a ele e abriu os olhos.

Sutekh tinha crescido até tal altura, que as pontas de suas orelhas roçavam o teto da câmara. Vestia uma saia tecida de linho de ouro, braceletes de preciosa platina e um colar de pérolas de ébano sobre seu largo peito nu. Levantou uma mão de longas unhas, e Leo foi impulsionado pelo ar por alguma irresistível força invisível. Pendia como um inseto no extremo do anzol de um pescador.



Susan Krinard  
Antologia Coração da Escuridão  
A Dama do Nilo

— Vê-o? — disse Sutekh — Não podem me ferir. Não podem me matar. — apertou o punho e a respiração de Leo se voltou estrangulada e rouca — Poderia esmagá-lo com um pensamento. Entretanto, até pode se salvar, junto com sua cadela.

— Deixe que se vá. — grasnou Leo — Faça o que quiser comigo, mas deixa-a...

— Perguntemos à princesa. — disse Sutekh — Seu amante entregará sua vida pela sua. Faria o mesmo?

Tameri apertou-se contra a parede e foi se elevando até que ficou de pé de novo.

— Faria. — disse ela, encontrando que ainda tinha a força e a coragem suficientes para sustentar o olhar do malvado.

— Tal devoção é admirável. Mas nenhum de vocês precisa morrer. — sorriu a Leo, cujo rosto começou a ficar branco — Só necessita recorrer para aqueles que já ofereceram sua vida.

— Não! — gritou Tameri — É um truque...

Um abrasador vento a agarrou, apoderando-se de seus membros e elevando-a enquanto Sutekh deixava Leo cair. Uns dedos invisíveis lhe apertaram a garganta.

— Não é um truque que você vai morrer antes de que possa optar por salvar seu amante.

— Não. — sussurrou Tameri.

Mas Leo já havia se levantado, recuperando o fôlego, encarando Sutekh como se tivesse nascido guerreiro.

— O que devo fazer? — exigiu.

Pequenos brilhos chispavam dentro da cabeça de Tameri. A tumba e as figuras nela ondularam como uma ilusão de água no deserto.

E, então, tudo mudou. Tudo menos Sutekh, que contemplava ao jovem soldado egípcio com aberta alegria.

— Pense, Maahes. — disse — Morreu uma vez neste lugar, por nada. Não pode sair vitorioso. Salvem-se. Salve sua senhora. Recorram aos deuses que lhes abandonaram a sua sorte. Deixa-os sofrer o castigo!

Maahes apertou os punhos. O suor cobriu seu peito e braços, os rígidos tendões e músculos de seu bem torneado corpo. *Como poderia alguma vez havê-lo achado menos que formoso?* pensou Tameri. *Nós sempre fomos um para o outro. Os próprios deuses o declararam.*

*E eu declaro o meu amor. Seremos um, mesmo se nós morrermos.*

— Não, Maahes. — disse ela — Não estou assustada.

Mas Maahes a olhou, com uma terrível resolução em seus olhos marrom claro.

— O que devo fazer? — perguntou ele de novo.

— Têm o conhecimento e o poder. — disse Sutekh — Concederam-lhe por esses que agora lhes traem. Invoquem!

Maahes fechou os olhos e levantou a cabeça. Seu cântico se elevou impregnando a tumba, chegando além da porta e atravessando o longo e escuro corredor para o deserto mais à frente. Nuvens de pó choveram do teto, e os grandes blocos de pedra grunhiram.

O punho invisível que apertava o pescoço de Tameri a soltou, e ela se afundou aos pés de Sutekh. Ficou sobre suas mãos e seus joelhos e começou a arrastar-se para Maahes, alcançando suas sandálias.

Era muito tarde. Um sopro de ar fresco e doce expulsou o calor fétido, e Tameri sentiu sua chegada: Asar, enganado como Aset foi enganada, vindo ao convite de seu mais leal servo.

— Ah. — disse Sutekh — Por fim terminará.

Impotente, Tameri olhou como Maahes começava a tremer. Uns espasmos percorriam seu



Susan Krinard  
Antologia Coração da Escuridão  
A Dama do Nilo

corpo, e sua mandíbula se apertou com tal força que temeu que pudesse romper. Durante um momento, ele ficou inerte. E depois, foi como se o sol lhe tivesse subido o rosto, e abriu os olhos.

Mesmo um deus poderia sentir choque, e Asar olhou a Sutekh com assombro.

— Você. — disse — O que está...

Uma lança mortal de areia se disparou da mão de Sutekh. Golpeou a Maahes-Asar totalmente no peito. Cambaleou-se, mas não caiu. Ele estendeu seu braço, com a palma para fora. Sutekh grunhiu. Mas mesmo Tameri sabia que não era uma luta real. Asar foi tomado despreparado, acreditando que seu representante só atuaria para o bem maior. E Maahes impediu-lhe. Maahes se entregaria por completo.

*Não me abandonará.*

Nem Asar nem Sutekh tinham olhado nem uma vez para Tameri enquanto cada um lutava pelo domínio. Mas também tinham esquecido Aset.

Não havia outra opção. Só em harmonia com seu marido a deusa da Esperança podia derrotar ao deus das Tormentas. Tameri falou em silêncio, recordando as palavras com facilidade, as irmanando com uma advertência.

Quando Aset chegou, não foi enganada. Envolveu Tameri com a feroz doçura, o coração de uma guerreira e o amparo de uma mãe a sua filha.

Entretanto, não controlou a mente de Tameri. Escondeu-se, escavando profundo no interior da alma de Tameri, permitindo-lhe a decisão final.

Tameri elevou-se, suas pernas fortes e seguras. Interpôs-se entre Asar e Sutekh, olhando a Maahes como se o deus do Caos não fosse mais que uma serpente sem presas, ignorada como um verme. Antes que Sutekh pudesse reagir, deu um passo para Maahes e beijou-lhe nos lábios.

Uma luz radiante, tão fresca e azul como a água clara, salpicou desde sua breve união, rodeando-os a ambos em um escudo de luz que Sutekh não podia penetrar. Maahes ficou rígido durante uns poucos segundos, depois, reuniu-se com ela em seus braços.

— Minha senhora. — murmurou ele — Meu amor.

Sutekh rugiu atrás deles, mas sua voz era tão frouxa como o pranto de um bebê. Tameri tomou o magro e bronzeado rosto de Maahes entre suas mãos.

— Há apenas uma chance. — disse, falando com a voz de Aset — Mas o poder pode vencer nosso inimigo.

Ele acariciou suas costas com seus dedos.

— Nós estaremos vulneráveis. Podemos falhar.

— É nossa última chance, meu senhor Asar. Não haverá outra.

— Ainda poderíamos escapar.

— E deixar a estes mortais morrer? Deixar Sutekh fazer do mundo um deserto onde a esperança se murche como os juncos na seca?

Asar estava em silêncio, procurando seus olhos, seu coração.

— Estão dispostos? — perguntou ele.

— Os deixarei falar.

Tameri sentiu que Aset se retraía de novo, restaurando seu controle sobre sua voz e seu corpo. Podia sentir Sutekh a suas costas, mas durante um momento, esse momento frágil, a luz azul protegia a ela e a Maahes.

Maahes. E Leo. Nada lhes separava agora, eram um e o mesmo, unidos através de milênios.

— Compreende-o? — sussurrou ela.

Seu amor, erudito e soldado, cavalheiro e camponês, atraiu-a para si e apertou o rosto sobre



Susan Krinard  
Antologia Coração da Escuridão  
A Dama do Nilo

seu cabelo.

— Asar tinha razão. — disse ele — Não é pura casualidade. Vai acabar com nós, se falharmos.

— Vale a pena o risco. — recostou-se para olhar em seus olhos — Uma vez estiveram dispostos a nos sacrificar por amor ao bem. Asar e Aset estão dispostos a arriscar a imortalidade pela possibilidade de que tenhamos êxito.

Ele colocou de novo a cabeça dela sob seu queixo, e pôde sentir o estremecimento de seu fôlego.

— Não quero perdê-la novamente.

— Se sairmos vitoriosos, nada se perderá. — beijou-lhe o oco sob a clavícula — E vamos ter isto, meu amor. Fazemos destes minutos uma eternidade.

Ela sentiu-lhe girando-a, seu cabelo petróleo negro deslizou sob seus dedos. Mas, em seguida, jogou seu rosto para trás e inclinou-se para beijá-la novamente.

### **Capítulo Dez**

Não havia tempo para fazer amor gentilmente, carícias ternas ou murmurar-se promessas de amor eterno. O amparo que lhes permitia este tempo juntos não duraria; Asar e Aset, poderosos como eram, poderiam recuar até agora e não mais adiante.

Leo não duvidou mais. Já não temia a seu outro eu, o homem que foi quando amou Tameri pela primeira vez. Ele *era* Maahes.



Susan Krinard  
Antologia Coração da Escuridão  
A Dama do Nilo

E era Asar enquanto carregava Tameri e a levava para o sofá, afastando a um lado seus laços desfeitos ao tempo que se agachava para deitá-la. Asar esperava nele, esperava que ele terminasse o que Maahes e Tameri começaram tanto tempo atrás.

Tameri estava preparada. O amor brilhou forte como o lápis-lazúli em seus olhos. Nenhum medo escureceu as suaves e gentis feições de seu rosto. Ela elevou os braços para ele. Ele pousou um joelho no sofá e tirou-lhe a camisa de linho transparente, deslizando-a pela flexível figura com um só movimento.

Seu corpo era uma coisa maravilhosa, sua beleza tal que uma só olhada bastava para voltar louco a um homem. Seus seios eram exuberantes como fruta amadurecida, seus mamilos eretos e rogando por ser saboreados. Debaixo da inclinação de seu abdômen jazia a escura e úmida sombra que ocultava sua mais potente magia.

Maahes tirou o cinturão e o kilt, juntando-o com o linho e ocultando-o debaixo do sofá. O membro se elevou alto e duro contra o estômago. Seus olhos examinaram-no, tudo em um instante, e sua respiração acelerou. A luxúria rugiu no peito de Maahes, propagando-se tão quente como o fútil grito de fúria de Sutekh.

Ela se abriu, e ele se acomodou no berço de suas coxas separadas. Ela murmurou seu nome. Vacilou, sabendo que tudo devia mudar uma vez que rompesse a última das defesas dela.

Mas não houve recuo, mesmo se pudesse haver-se forçado a deter-se. Apoiou o peso sobre os braços, encontrou seu portal quente e úmido e entrou nela com uma firme e profunda investida.

Tameri gritou, arqueando as costas ao tempo que o aceitava. Começou a mover-se dentro dela, saindo só para entrar uma e outra vez ao tempo que ela fechava suas pernas envolvendo-lhe os quadris.

Ao princípio só havia prazer e luxúria, dispersando qualquer outro pensamento e sensação como o vento dispersa a palha. Era somente os verdes olhos de Tameri o que via seu ruborizado rosto, seus lábios entreabertos em gemidos de êxtase. Só sentia seu próprio corpo, a fácil alternância do músculo, a ferocidade do sangue nas veias, o anseio de marcá-la como sua para sempre.

Mas isto não podia durar. A outra presença fluiu a sua mente: Asar, reclamando o que Maahes havia livremente devotado. O instinto gritou-lhe que resistisse que custodiasse sua própria alma contra a invasão.

Tameri viu a dúvida em seus olhos. Rodeou-lhe o pescoço com os braços e atraiu seu rosto ao dela.

— Nunca seremos separados. — murmurou ela.

Viu a transformação nela no momento em que culminou, dando boa-vinda a Aset em sua alma. Ele também se rendeu. Asar voltou-se uma parte dele, tomando posse dos membros, o coração e a mente.

Mas ele ainda estava ali. E como amava Tameri, Asar amava Aset, movendo-se com o mais antigo dos ritmos, conduzindo-a ao limite de um infinito rio de alegria e satisfação. Ele estava presente enquanto Aset/ Tameri esticava suas coxas ao redor dos quadris, arrastando-lhe as unhas pelas costas ao aprofundar as estocadas. A magia subiu por eles em espiral, fria, azul e impenetrável.

E ainda não o bastante forte. Seu inimigo não tinha concedido a derrota. Maahes escutou seu grunhido, e os tamborilares de sua feitiçaria da cor do sangue contra a barreira que Asar e



Susan Krinard  
Antologia Coração da Escuridão  
A Dama do Nilo

Aset tinham formado com seu amor eterno. Era como a ardente ponta de uma lança golpeando um escudo uma e outra vez, procurando o ponto débil pelo que poder abrir-se caminho.

A única esperança de Sutekh era evitar o abraço final que ligaria aos deuses a suas encarnações e os permitiria finalmente ter forma física. E ele estava começando a ter êxito. A frieza deu lugar a calidez, o brilhante prateado se esquentou em um ardente fogo.

Pouco a pouco Asar começou a debilitar-se. Seu espírito se retirou, e foi como se um grande fossa se abrindo na mente de Maahes, paralisando em si mesmo, roubando mais que a vida. Os olhos de Tameri apagados como se Aset tivesse perdido o caminho.

*Lute*, disse-se Maahes a si mesmo. *Lute*, disse a ela.

Possivelmente era só o desejo de viver o que lhe deu novas forças. Possivelmente era algo muito mais poderoso, forjado tão profundo no coração que nada tão insignificante como o medo podia tocá-lo. Mas a força fluíu de novo em Maahes, uma força mortal, por sua vez frágil e invencível.

Tameri o sentiu. Ela sustentava a ele, vulnerável e formidável, alcançado pela grande verdade que mesmo o vasto abismo da maldade de Sutekh não podia penetrar. Maahes passou a mão sob o sofá e extraiu o cilindro de pergaminho de seu kilt. Ficou de pé e o desenrolou, começando a dizer as palavras do segmento final mesmo antes que as pudesse ler.

A terra se sacudiu, e os deuses que caminhavam pelos afrescos das paredes, escondidos detrás das figuras de Sutekh que foram pintadas sobre eles, cobraram vida. Irromperam através da pele do novo pigmento, as figuras planas inchando-se em três dimensões, e viraram-se para Sutekh como um único, elevando paus, ganchos de ferro e malhos ao tempo que o circundavam com cânticos na língua conhecida só pela terra doadora de vida do mesmo Nilo.

Sua intervenção outorgou somente uns poucos momentos preciosos. Maahes pôs no chão o pergaminho e retornou ao sofá. Tameri se abriu de novo, e Maahes investiu com uma urgência cada vez maior. Os ofegos de Tameri afogaram os cânticos dos deuses e os uivos de fúria de Sutekh. Ela se estremeceu e gritou quando Leo a levou ao clímax. O entristecedor prazer tomou, e Asar retornou, varrendo através de Maahes como um limpo e revigorante vento... Um vento que percorria a tumba, levando a rara bênção da chuva. O fogo da fúria de Sutekh ferveu e saiu.

Em seguida houve um silêncio. Asar abraçou Aset como o sol abraça a terra, vida unida a vida, o final de uma longa noite de separação. Aset jazia silenciosamente, sua respiração fazendo-se mais lenta enquanto acariciava os braços de Asar.

Através de uns olhos não já completamente deles, Maahes olhou ao redor da antecâmara. Sutekh havia desaparecido, e só uma pilha de cinzas jazia onde ele esteve parado. Os outros deuses tinham retornado às paredes, mas havia sutis diferenças em suas posturas. Tudo o que Maahes tinha visto era real. Sutekh foi derrotado.

Mas Maahes sabia que seu tempo também terminava. O seu e o de Tameri. Logo não haveria nada mais deles salvo uma lembrança. Esse foi o intercâmbio, o preço de restaurar Asar e Aset a sua custódia do mundo.

*Deixe-me vê-la uma vez mais*, rogou-lhe o deus. *Deixe-me vê-la com meus próprios olhos*.

Asar se retirou. Não longe, mas o suficiente. Leo segurou o rosto de Tameri com a mão e a beijou com infinita ternura.

— Leo?

— Estou aqui.

Ela sorriu e acariciou-lhe o cabelo.

— Foi além de qualquer coisa que pudesse haver imaginado. — disse ela.



Susan Krinard  
Antologia Coração da Escuridão  
A Dama do Nilo

— É mais linda que a flor de lótus.

— E você é mais poderoso que um leão.

Ele fechou os olhos.

— Só sou um homem.

— Meu amor. — tocou as pálpebras dele — Não chore. Podemos nos esquecer de nós mesmos, mas nunca nos esqueceremos de um ao outro.

— Se tivesse conhecido você quando era jovem. Quando poderíamos haver...

O dedo dela cruzou seus lábios.

— Temos uma eternidade.

Quando ele abriu os olhos, os dela tinham crescido em escuridão e distância. Aset estava tomando-a de novo, e esta vez não haveria retirada.

Leo a beijou uma última vez e liberou o fraco agarre sobre seu próprio corpo. Asar encheu a carapaça que uma vez pertenceu-lhe, encheu-lhe a mente com pensamentos e emoções além daquelas que qualquer mortal podia esperar aceitar. Leo deslizou a mão sobre a de Tameri e deixou-se morrer.

Tameri despertou lentamente, a respiração estável de Leo perto do ouvido. Tinha o braço dele estendido sobre os peitos, suas pernas enredadas com as suas. Um foco de luz penetrava na câmara, a calidez curadora de Rá enquanto seu barco celestial se elevava do horizonte.

— Leo?

Ele murmurou um ininteligível protesto.

— Leo, acorde.

Sentiu um formigamento na orelha quando ele a tentou com sua língua.

— Que horas são?

— O amanhecer.

Ele se esticou, sua mão foi descansar sobre o seio dela.

— Onde estamos?

Por um momento Tameri não pôde responder. Conhecia este lugar. E o mover da luz pela antecâmara, a fez recordar.

Sentou-se, ganhando outro protesto de Leo.

— Tameri, volte para...

— Não deveríamos estar aqui.

Com um rumor de exasperação também se sentou, girando-se para atraí-la contra ele.

— Onde é aqui? — aas ao olhar às paredes, a cinza e à entrada quadrada, esticou-se e apertou o agarre.

— Onde estão eles?

Tameri se tornou para dentro, procurando à deusa.

— Não sei.

Leo aspirou à essência de seu cabelo.

— Deixaram-nos viver.

Uma grandiosa pena se pousou em Tameri.

— Mas por quê? Tinham esperado milhares de anos pela reunião, pela oportunidade de...

*Não se aflija minha filha.*

— Aset?

*Estou aqui. Como Asar está aqui.*





Susan Krinard  
Antologia Coração da Escuridão  
A Dama do Nilo

Tameri agarrou a mão de Leo.

— Ouve-os?

— Sim. — espremeu seus dedos — Assar. — elevou a cabeça — Por quê? Por que não nos tomaram?

*Não houve necessidade, disse Asar. Foi sua força a que derrotou Sutekh, não nós.*

— Mas o pergaminho... — começou Leo.

*Era uma ferramenta, disse Aset. Uma ferramenta deixada para alguém que entendesse quando era o momento indicado. Sem seu amor, teria sido imprestável contra Sutekh.*

— Então por que estão aqui?

*Esta encarnação é um dom que nos deu. Um presente que você pode escolher para reivindicar.*

— Não entendo. — disse Leo.

Mas Tameri sim o fez. Os Bons deuses falaram não de sacrifício, mas sim do presente da vida. O presente que lhes permitiria morar em corpos mortais, não como usurpadores, mas sim como companheiros.

Tameri encontrou o olhar de Leo e viu que a compreensão despertou em seus olhos. Se eles o permitiam, Asar e Aset caminhariam pela terra como parte deles, uma parte de suas almas, nunca morreriam.

*Em troca, disse Aset, terão sabedoria e habilidades superiores que aquelas dos homens mortais. Viverão muito. Apoiem o bem e lutem contra o mal e onde quer que o encontrem. E quando Sutekh voltar, como algum dia fará, particularizou Aset, estaremos ali.*

O intercâmbio que ofereciam era generoso. Mas as desvantagens eram evidentes. Tameri e Leo nunca estariam completamente sozinhos.

— Estávamos preparados para renunciar a tudo. — disse Leo, acariciando os ombros dela com as magras e calosas mãos — Se você... Ficar comigo...

Tameri não acreditou que houvesse um futuro, menos ainda um com Leo.

— É isso o que realmente quer? — murmurou ela.

— Você, pequena parva. Amei-te desde que parou no salão de conferências e disse a Elgabri que estava equivocado. E muito tempo antes. — roçou seu pescoço com os lábios — Este humilde soldado pede à princesa que seja sua esposa.

Todas as dúvidas de Tameri, todos os medos de sua vida, finalmente se dissolveram como a escuridão ante o rosto do sol.

— Esta princesa sente prazer em aceitar.

— E os deuses?

— Não há fronteiras para o amor, meu soldado. Não temos bastante para compartilhar?

Sua resposta não poderia ter sido mais clara. E quando ele a beijou, a luz se expandiu até que abraçou o mundo inteiro.

**FIM!**



Susan Krinard  
Antologia Coração da Escuridão  
A Dama do Nilo



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=94493443>

<http://groups.google.com/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

<http://tiamatworld.blogspot.com/>

<http://www.mediafire.com/tiamat>